



# CATÓLICA

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA | PORTO

Faculdade de Educação e Psicologia

## ***A RELAÇÃO FUSIONAL CLUBBING E DROGAS – Percepções pelos profissionais do ócio nocturno***

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa

para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia da Justiça e do Comportamento Desviante -

*Ana Miranda*

**Porto, Janeiro de 2012**



# CATÓLICA

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA | PORTO  
Faculdade de Educação e Psicologia

## ***A RELAÇÃO FUSIONAL CLUBBING E DROGAS – Percepções pelos profissionais do ócio nocturno***

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa  
para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia da Justiça e do Comportamento Desviante -

*Ana Miranda*

**Trabalho efectuado sob a orientação de**

*Professora Doutora Raquel Matos*

**Porto, Janeiro de 2012**

*Purple haze are in my brain,  
Lately things don't seem the same,  
Acting funny but I don't know why  
Excuse me, while I kiss the sky*

**Purple Haze – Jimi Hendrix**

## AGRADECIMENTOS

De forma genérica, agradeço a todos os meus amigos, família, colegas e professores (em especial à professora Maria Carmo Carvalho), que me auxiliaram na produção deste trabalho “adjunto”

A todos os participantes que se disponibilizaram à colaboração no estudo, expresso idêntica gratidão. A partilha das suas experiências e opiniões foi determinante à concretização da pesquisa.

À Iolanda Pereira e à Dr.<sup>a</sup> Sílvia Ribeiro, um especial obrigado pelo apoio indiscutível nos momentos de desânimo, consubstanciado em verdadeira motivação.

À “minha” Marta Braga, pela amizade autêntica.

Ao Ricardo Devesas, pela muita paciência e pelas privações de tempo.

## RESUMO

É indubitável o discurso urbano existente ao redor da presença de estupefacientes nos recintos de diversão nocturna.

Esta investigação propõe-se a caracterizar as percepções dos profissionais do ócio nocturno (PON) face ao consumo recreativo de substâncias psicoactivas (SPA). O que se pretende obter é uma compreensão do fenómeno, através da lente dos profissionais, de vários estabelecimentos de diversão nocturna. Dada a proximidade destes com os usuários, e demonstrada a utilidade da sua inclusão nas intervenções implementadas nos recintos de entretenimento (Calafat et al., 2005), interessa conhecer as suas ideias em torno do consumo recreativo, assim como as suas práticas pessoais de utilização de SPA. A adesão destes elementos representa uma mais-valia quando se trata de garantir a eficácia da execução de programas orientados para o uso de substâncias em contexto recreativo, uma vez que são estes que se “elevam” (maior projecção da imagem / posição central) no espaço de entretenimento, ditando, por vezes, regras locais, relacionadas com o consumo de álcool e outras SPA. Apurar a permissividade deste sector profissional articulada ao factor económico, é outro intento.

A amostra da investigação foi constituída por 7 PON, com funções laborais diversificadas, aos quais foi colheita uma entrevista semi-estruturada. A mesma foi analisada qualitativamente, recorrendo-se, para o efeito, à análise de conteúdo. Foram igualmente efectuados registos de observação participante e não participante em vários contextos recreativos (CR).

Os resultados do estudo denotam uma perspectiva de circulação temporal crescente de SPA nos CR, ficando provado, junto dos participantes, que uma execução exímia da lei acarreta prejuízos monetários aos estabelecimentos.

A sensibilização dos PON no que reporta à erradicação do uso de SPA ilícitas nos CR foi aludida. Todavia a inexequibilidade das estratégias vulgarmente utilizadas para este fim, torna o seu uso cada vez mais normativo. O alastramento de tal “normatividade social/contextual” parece contribuir também para o consumo continuado ou esporádico, em horário laboral, dos próprios PON.

**Palavras - chave:** profissionais de ócio nocturno; substâncias psicoactivas; contextos recreativos.

## ABSTRACT

The urban speech that surrounds the presence of drugs in nightlife venues is indubitable. This investigation proposes to evaluate the perceptions of night leisure's professionals (NLP) related to the recreative consume of psychoactive substances (SPA). What is intended to obtain is a comprehension of this phenomenon, through the lens of the professionals, of nightlife establishments. Given the proximity to these users, and demonstrated the usefulness of their inclusion in interventions implemented in entertainment venues (Calafat et al., 2005), it is important know their ideas about recreational use as well as their personal practices in application of use SPA. The accession of these elements represents an added value when it comes to ensuring the efficiency of the implementation of programs aimed at the use of substances at recreational settings, since it is these who "raise" (greater projection image/ center position) in entertainment space, dictating, sometimes, local rules, related to alcohol and other SPA. Determining the permissiveness of this professional sector linked to the economical factor is another attempt.

The sample of the investigation was constituted by 7 elements of the staff, which were collected to a semi-structured interview. The same was analysed qualitatively, turning, for his purpose, to a content analysis. It were also conducted records of participant and non- participant observation in several recreational contexts (RC).

The study results show a temporal perspective the growing circulation SPA in the RC, proving that strong law enforcement brings on monetary damages to businesses.

Raising NLP's awareness in what concerns using illegal SPA in the RC was refered. However, the unenforceability of the strategies commonly used for this purpose, make their use more normative. The spread of such "normative social/contextual" seems to also contribute to the continued or sporadic consumption, in working hours, of their own NLP.

**Keywords:** night leisure's professionals; psychoactive substances; recreational contexts.

## ÍNDICE

<b>Introdução</b> .....	9
<b>Capítulo I. Enquadramento teórico</b> .....	10
<b>I.1. Consumo de SPA e CR</b> .....	10
<b>I.1.1. A associação das SPA ao CR nocturno</b> .....	10
<b>I.1.2. As substâncias recreativas ilícitas mais prevalentes</b> .....	12
<b>I.1.3. Motivações, sentidos e interpretações do consumo recreativo</b> .....	13
<b>I.1.4. Álcool – a substância lícita de eleição</b> .....	17
<b>I.1.4.1. Padrões de uso e exegeses de consumo</b> .....	17
<b>I.2. PON – um sector profissional preponderante</b> .....	18
<b>I.2.1. A relevância do papel dos PON numa relação social de parceria</b> .....	18
<b>I.2.2. Interpretações, posicionamento e actuação dos PON perante o uso de SPA em CR</b> .....	20
<b>I.2.3. Legislação aplicável ao álcool – procedimentos e dificuldades de controlo</b> ..	27
<b>Capítulo II. Metodologia</b> .....	29
<b>II.1. Amostra</b> .....	31
<b>II.2. Instrumento</b> .....	31
<b>II.3. Procedimentos de recolha de dados</b> .....	34
<b>Capítulo III. Apresentação dos resultados</b> .....	36
<b>Capítulo IV. Análise e discussão dos resultados</b> .....	43
<b>Capítulo V. Conclusão</b> .....	49
<b>Referências bibliográficas</b> .....	52

## ÍNDICE DE ANEXOS

<b>A. Guião da entrevista .....</b>	<b>65</b>
<b>B. Registos de Observação .....</b>	<b>68</b>
<b>C. <i>Code books</i> das entrevistas .....</b>	<b>69</b>
<b>D. Grelhas de Análise de Conteúdo das entrevistas .....</b>	<b>75</b>

## LISTA DE SIGLAS

**PON** – Profissionais de ócio nocturno

**SPA** – Substâncias Psicoactivas

**CR** - Contexto Recreativo

## INTRODUÇÃO

Nos tempos correntes, noite e drogas são conceitos percebidos como intrincados. É quase apriorístico associar o ócio nocturno às drogas, assumindo-se os espaços de entretenimento como locais expressivos deste uso (e.g. Sanders, 2006; Calafat, Juan, Becona & Fernández, 2008 b; Calafat, Juan & Duch, 2009; Hunt, Moloney & Evans, 2010; OEDT, 2010; Calafat, Mantecón, Juan, Adrover-Roig, Blay & Rosal, 2011).

Assim, apraz interrogarmo-nos: não conseguirão os jovens – por norma, aqueles que mais frequentam este tipo de estabelecimentos - divertir-se sem o auxílio de um aditivo, cujo objectivo primeiro é o de alindar o mundo envolvente? A anuência da noite aos estupefacientes dever-se-á à impossibilidade da sua sobrevivência, sem estes ditos “indutores ludibriantes de bem-estar”?

Como forma de dar resposta a questões como as mencionadas, esta investigação visa a exploração da relação substância - noite, tendo como escopo a análise do discurso dos PON (até ao momento, pouco valorizado), no que ao tema diz respeito. Estes têm acesso directo às dinâmicas centrais do fenómeno, compreendendo-o de forma diferenciada, pelo que poderão facultar favoráveis trilhas no caminho da saúde pública.

Aqui, explorar-se-ão as suas percepções face às SPA - motivações de consumo dos noctívagos, substâncias mais consumidas na noite, contactos directos com os estupefacientes, bem como o significado que as medidas de prevenção e de resposta ao risco, associadas ao consumo recreativo, adquirem. Verificar, a presença ou a inexistência, da hegemonia da economia nocturna, em função de uma análise diligente do discurso directo dos PON, é um dos objectivos desta investigação. Deste modo, também o motivo de aparente não cumprimento, por parte da grande maioria dos bares/discotecas, da lei nº9, de 24 de Janeiro de 2002, cujo teor proíbe a venda de álcool a menores de 16 anos, será analisado.

Afinal, tudo se trata de um negócio rentável para os profissionais envolvidos na noite, daí o carácter indulgente, por vezes observado, ou há efectivamente uma preocupação tácita dos mesmos, com a saúde e bem-estar dos frequentadores destes espaços?

Este grupo profissional arroga uma função socializadora de destaque (Calafat, Fernández, Juan, Anttila, Bellis, Bohrn, Fenk, Hughes, Kersch, Kokkevi, Kussaari, Leenders, Mendes, Siamon, Simon, Wijngaart & Zavatti, 2004 a; Calafat et al., 2008 b), pelo que o seu comportamento, em período laboral, exige relevo.

Sendo incipiente a literatura concernente à área, o estudo em questão, reveste-se, a nosso parecer, de gente contributo científico e social.

O estudo é iniciado com o enquadramento teórico alusivo à temática (afunilamento literário:

coligação das SPA aos espaços de ócio nocturnos/ substâncias recreativas mais usuais/ pré-dicas atinentes ao uso de SPA em CR e relevância, posicionamento e actuação dos PON face ao fenómeno), seguido da sua fundamentação e descrição metodológica. A apresentação dos resultados e a sua análise e discussão (interpelação do sistema de categorias no sentido da formulação de respostas às questões do estudo) sucedem-se, culminando a investigação no resumo, que expõe as principais conclusões obtidas.

## **CAPÍTULO I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

### **I.1. Consumo de SPA e CR**

#### **I.1.1. A associação das SPA ao CR nocturno**

Os ritmos urbanos estão em constante mutação. Às subdivisões do tempo diurno, já não se contrapõe, hodiernamente, um tempo nocturno homogéneo, dirigido exclusivamente ao descanso e sono dos habitantes. O tempo da noite apresenta-se hoje fragmentado, com início, meio e fim (Ferreira, 2009). A coincidência das temporalidades diurnas e nocturnas é crescentemente desajustada, culminado num desequilíbrio entre as forças sociais que se movem na malha miscigenada urbana. A noite converteu-se em economia, levando o funcionamento urbano a penetrar em territórios anteriormente vedados (Ferreira, 2009). Esta assume a função de sociabilidade lúdica, onde não existem papéis definidos, e onde os participantes - maioritariamente jovens - constituem um conjunto do mesmo (Jarvin, 2007), dando-se origem a uma transladação dos valores diurnos. Parafraseando Ferreira (2009, p.5), “*A noite cruza os prazeres da festa, da convivialidade, da música e da dança. Está voltada para a exteriorização e sempre associada, mais não seja, potencialmente, à transgressão (...), é dionisíaca*”.

A relação entre a vida nocturna documentada e o consumo recreativo de SPA, que ajuda à citada “transgressão”, há muito se apresenta comprovada (i.e. Green, 1997; OEDT, 2002; Calafat, Stocco, Mendes, Simon, Van de Vijngaart, Sureda, Palmer, Maalsté & Zavatti, 1998; Calafat, Bohrn, Juan, Kokkevi, Maalsté, Mendes, Palmer, Sherlock, Simon, Stocco, Sureda, Tossman, Van de Wijngaart & Zavatti, 1999; Calafat, Fernández, Juan, Bellis, Bohrn, Hakkarainen, Kilfoyle-Carrington, Kokkevi, Maalsté, Mendes, Siamou, Simon, Stocco & Zavatti, 2001; Calafat, Fernandez, Juan, Anttila, Arias, Bellis, Bohrn, Fenk, Hughes, Kersch, Kokkevi, Kuussaari, Leenders, Mendes, Simon, Spyropoulou, Van de Wijngaart, & Zavatti, 2003; Calafat, Fernández, Juan & Becona, 2004 b; Gilbert & Pearson, 2003; Oleanque, 2004; OEDT, 2010; Carvalho, 2007). Na década de 30 os músicos de *jazz underground* consumiam marijuana e cocaína para fins recreativos, e na década de 60 os fenómenos do *rock and roll* e

*punk* marcaram a introdução do consumo recreativo de SPA, das quais se destacam as anfetaminas, os alucinogéneos e diversos medicamentos psicotrópicos (Shapiro, 1999). Já a década de 70 foi assinalada pela *disc music* e pela frequência dos *nightclubs* - ambientes fechados onde as pessoas se reuniam para dançar. A MDMA (metilenadioximetanfetamina), vulgarmente denominada de ecstasy, espalhou-se nos anos 80, em algumas partes da Europa, sendo consumida em ambientes festivos do tipo *rave*, *acid house* ou *techno*. Dez anos depois, o ecstasy e o tipo de ambientes retratados circularam à velocidade e com a intensidade características da era digital, por toda a União Europeia (Shapiro, 1999).

Após a exposição de tais indicativos, é válido questionarmo-nos. Será a droga o expoente da noite? Estará o espaço de ócio e, supletivamente, o seu característico estilo musical, na etiologia do uso recreativo de drogas?

Uma investigação realizada em 1997 possibilitou concluir que 97% dos clientes entrevistados em recintos de entretenimento tinham consumido uma droga ilegal em algum momento das suas vidas, e 90% tinham consumido ou previam consumir uma droga ilegal, naquela mesma noite (Morris, 1998). Um outro estudo realizado pelo Irefrea (2004), mais vocacionado para as representações dos profissionais da noite (alvos do nosso estudo), permitiu concluir que 48,8% deste sector considera que os jovens, frequentadores habituais dos clubes, se deslocam aos mesmos por aí encontrarem um ambiente propício ao consumo. A frequência regular de discotecas poderá estar, portanto, associada a um maior risco de consumo de substâncias ilícitas (Naia, Simões & Matos, 2007; Bellis, Hughes & Lowey, 2002; Simões, 2005; OEDT, 2007).

Sabemos que o público que participa no espaço recreativo é diverso e plural, coexistindo diferentes subculturas com distintas lógicas perante a diversão: se existem jovens que trivializam o consumo, encarando-o como praxe, outros há que o negligenciam. Consideramos, por isso, não ser adequado defender uma relação automática entre SPA e CR, pois tal assumpção encerra uma generalização grosseira e reducionista, que descarta a variabilidade populacional da noite. Agora é impossível não reconhecermos a existência de uma multitude de indicadores empíricos, denunciados por sucessivas investigações, que apontam para uma forte associação entre estas duas entidades, o que justifica a pertinência de um debruçar mais atento sobre o tema.

De seguida iremos remeter-nos à epidemiologia das SPA ilícitas nos CR europeus em geral, e no nosso país em concreto, especificando, secundariamente, possíveis motivações de consumo. Os padrões e motivações de consumo de álcool, por se tratar de uma substância lícita, serão abordados ulteriormente.

### **I.1.2. Substâncias recreativas ilícitas mais prevalentes**

As drogas recreativas ilícitas podem dividir-se em três grandes grupos: os estimulantes, como o ecstasy, as anfetaminas e a cocaína; os depressores - GHB e opiáceos, como a heroína e codeína; e os alucinógenos, que incluem o LSD, os cogumelos mágicos e a quetamina (Webster, 2008).

Apesar das tendências de consumo serem variáveis na União Europeia, nos espaços de dança consomem-se habitualmente estimulantes como o ecstasy, a cocaína e as anfetaminas (OEDT, 2002; OEDT, 2010). No contexto actual festivo, a cannabis, o XTC e a cocaína adquirem a designação de denominadores comuns (Mendes, 2007; OEDT, 2010).

Há uma centralidade associada ao consumo da cannabis, nos hábitos e modalidades sociais e conviviais do actor juvenil que participa no meio festivo (Carvalho, 2007; Calafat, Fernández, Becõna, Gil, Juan & Torres, 2000 a; Hoare, 2009). Também a prevalência do ecstasy em meio recreativo se configura muito superior, quando comparada com a da população geral (Measham, Aldridge & Parker, 2001; Ramsay, Becker, Goulden, Sharp & Sondhi, 2001). Um estudo revelou que os usuários de ecstasy têm uma maior tendência para o policonsumo - cocaína, anfetaminas, LSD e álcool -, isto quando confrontados com os não utilizadores da referida substância (Calafat et al., 1998) - o ecstasy foi considerada a droga sintética mais consumida no ano de 2003 (Melo, 2007), mas o seu consumo tem caído, paulatinamente, na Europa, desde 2006 (OEDT, 2010). Um outro estudo também concluiu a associação da cannabis ao policonsumo, onde mais de metade dos jovens assegurou combinar, na mesma noite, este estupefaciente com outras SPA ilegais, mas principalmente com o álcool (Calafat et al., 2000 a). Em Portugal, entre 2001 e 2007 as SPA ilegais mais consumidas foram, por esta ordem, a cannabis, a cocaína, o ecstasy, as anfetaminas, os cogumelos mágicos e o LSD (Balsa, Vital, Urbano & Pasmeyro, 2008). Estudos epidemiológicos nacionais mais recentes destacam, igualmente, a cannabis, como a substância ilícita com a mais elevada taxa de prevalência no país (OEDT, 2010; Lomba, Apostolo, Mendes & Campos, 2011), reconhecendo-se a visibilidade crescente da cocaína (Balsa et al., 2008; Lomba, Apostolo, Mendes & Campos, 2011). As pessoas de faixa etária superior e com estatuto social mais elevado, normalmente, consomem a última, devido a um maior poder de compra (Silva, 2004).

Ficou igualmente provado que, de um modo geral, é o sexo masculino quem consome mais drogas ilícitas (Simões, 2005 cit. in Naia, Simões & Matos, 2007; Henriques, 2009), apesar de publicações posteriores apontarem para uma homogeneidade de género (Lomba, Apostolo, Mendes & Campos, 2011).

Na Europa, de modo generalizado, de acordo com o inquérito de 2007/ ESPAD, o consumo de

substâncias ilícitas pelos jovens parece ter diminuído. Não obstante, e os dados apresentados confirmam-no, o consumo recreativo continua a ser deveras afamado, o que é motivo de preocupação.

### **I.1.3. Motivações, sentidos e interpretações para o consumo recreativo de SPA ilícitas**

Perceber o que leva um indivíduo a ceder, em CR, a uma experimentação de consumo e a perpetuá-lo no tempo, é essencial para se delinearem estratégias que minimizem ou erradiquem esta ocorrência. De modo idêntico, compreender o significado que o indivíduo atribui ao acto de uso/consumo, neste tipo de espaços, e como é que esta relação se opera e porque factores é influenciada, é similarmemente pertinente. Muito pouco há a apontar à bibliografia existente neste sentido, que é extensa e elucidativa.

A motivação e a susceptibilidade psicológica à droga são divergentes nas pessoas. Os diversos estádios evolutivos e de desenvolvimento formam uma personalidade que em interacção com factores sociais e familiares pode ser ou não receptiva ao uso de substâncias (Urra, 2007).

Investigações realizadas consignam que a maioria dos jovens que consome SPA, nos locais de diversão nocturna, o faz por divertimento e para obtenção de um maior prazer ao dançar (OEDT, 2002; Sissa, 2000), onde preservar a saúde a longo prazo, se assume como um objectivo secundário (Sumnall, Bellis & Hughes, 2010). Os jovens são acometidos por uma “miopia temporal” que retarda os resultados do consumo, como os efeitos negativos e probabilidade de risco (Calafat et al., 2004 a). O rótulo de inofensividade que acompanha estas SPA, reforçado pela própria designação “recreativa”, associa a ideia de ausência de relação problemática face aos produtos (Lomba, 2008).

O prazer associado ao risco surge também como um dos motivos de consumo (Calafat, Fernández, Juan, Bellis, Bohrn, Hakkarainen, Kilfoyle-Carrington, Kokkevi, Maalsté, Mendes, Siamou, Simon, Stocco & Zavatti, 2001 & Calafat et al., 2003), estando o conceito de risco aglutinado à ideia de descoberta, aventura e ousadia (Giddens, 2000). Outras drogas recreativas são ingeridas com o intuito de proporcionarem, a par do divertimento, confiança e energia, dando lugar a novas experiências (OEDT, 2002). Múltiplos estudos destacam a importância das SPA na obtenção de uma maior sensibilidade emocional, o que ajuda os sujeitos a superar a timidez pessoal (Saunders, 1995; Capedvila, 1995 cit.in Calafat et al., 2001) – o “empecilho” do sucesso. O entretenimento e a busca de liberdade social são definidos como uma necessidade que deve fazer parte da vida juvenil (Gil Calvo, 1996; Cuenca, 2001 cit. in Calafat et al., 2008 b), recorrendo muitos dos jovens à ajuda dos químicos para redobrar sensações. Determinadas substâncias potenciam as capacidades físicas, intensificam a experiência sensorial, ao mesmo

tempo que facilitam o contacto social e possibilitam a sensação de comunhão e espírito colectivo (Calado, 2006). Para Horst Gerhard (2001), os efeitos das rotineiras substâncias estimulantes, produzem um estado físico que permite dançar continuamente e que intensifica os estímulos sensoriais e os contactos sociais que, conjugados com as condições culturais prevalentes - música, dança, jogo de luzes, raios laser, decoração, modo de vestir... - interagem num mesmo sentido, daí o contexto nocturno ser tão atractivo para as gerações mais novas.

Foram muitos os autores que se debruçaram sobre a especificidade da ambiência musical e o consumo de SPA, outra das causas apontadas na literatura para o uso festivo. Sabe-se que a política musical adoptada por cada estabelecimento nocturno gera uma influência significativa ao nível do tipo de frequentadores e respectivos comportamentos, como a ingestão de SPA (Forsyth, 2009; Gueguen, Jacob & Le Guellec, 2008). É a música que ocupa um lugar de destaque na configuração do ambiente (Oleanque, 2004), cultura do clube e identidade grupal, sendo a principal aliada da indústria do lazer, e um dos elementos que melhor explica a diferença entre as diversas sub-culturas geradas (Calafat et al., 2004 b). A música concebe-se como um meio que intervêm no processo de socialização dos jovens (Green, 1997). Deste modo, o *disc jockey* surge como um elemento central no controle dos comportamentos referidos (Forsyth, 2009), assumindo-se como um componente fundamental do *marketing* de um clube (Calafat et al., 2008 b). A música modela o uso das substâncias (e.g. Silva, 2004; 2005; Mulder, Bogt, Raaijmakers & Vollebergh, 2007; OEDT, 2010) e os apreciadores de diferentes estilos musicais tendem a seleccionar amigos cujos padrões de utilização reforçam as inclinações para o seu próprio uso (Mulher et al., 2009). Por norma, o consumo de ecstasy, anfetaminas e quetamina alia-se ao estilo de música *techno*; o ecstasy, a cocaína e o álcool, à música *mainstream (house)*; e as SPA, como os poppers e GHB, são sobretudo ingeridas nos bares *gay*, onde também o registo musical é característico (Webster, 2008). Alguns autores consideram que os comportamentos de risco não são uma consequência da música, mas meramente de factores de ordem individual (Roberts, Dimsdale, East & Friedman, 1998; Martino et al., 2006 cit. in Ferreira, Matos, Pessoa & Diniz, 2008).

A moda e a imagem aparecem também como conceitos passíveis de imputação ao policonsumo recreativo (OEDT, 2002; Kemnesier, 2001; Villani, 2001). De igual forma, o consumo poderá afigurar-se como um símbolo de protesto e inconformismo contra a sociedade ou procura da autotranscendência, do sentido da vida e da razão para a própria existência, numa sociedade carente de ideias (Urra, 2007). Como meio de evasão de desequilíbrios, conflitos, rupturas familiares, crises psicológicas e condições infra-humanas de vida surge, similarmente, a sujeição ao uso de SPA (Urra, 2007).

Um estudo realizado em várias cidades europeias demonstra também que os jovens que não consomem SPA (ou consomem menos) em CR tendem a integrar grupos de jovens que adoptam o mesmo padrão de uso, enquanto os que consomem mais têm, normalmente, um grupo de amigos mais problemático (Calafat, 2008 a). Os grupos influenciam, deste modo, a forma como o sujeito se comporta a nível individual (Mendes, 2008). Ainda assim, os jovens têm opções (Fountain, 1999), não são vítimas dessa influência. É uma questão de dialéctica das duas dimensões: a escolha individual e a pressão dos pares e do contexto (Calafat et al., 2001).

As motivações para o consumo, como apresentado, são diversificadas, e naturalmente trarão impactos para o sujeito, também esses, diferenciados. A quantidade e a combinação das SPA utilizadas, a pureza ou composição dos produtos, o ambiente específico onde as substâncias são consumidas, a fisiologia do indivíduo, a sua saúde em geral e bem-estar, contribuem conjuntamente, na expressão da manifestação dos efeitos das SPA (Webster, 2008). Os efeitos do consumo variam, não apenas, entre os indivíduos, como também se diferenciam, no próprio sujeito, em ocasiões distintas (Webster, 2008). A valorização das SPA é influenciada por dinâmicas sociais e culturais, com as quais os jovens negociam, erigindo as suas significações, ora associadas a elementos positivos, ora negativos (Calafat et al., 2004 b). O prazer e a diversão podem assumir o contorno de experiências gratificantes ou perversas, dependendo das condições em que são vivenciados, e do que se está disposto a consumir, para os obter. A relação profusa de vinculação SPA - prazer surge, neste sentido, alicerçada ao significado que é aquiescido ao termo “prazer” (Calafat et al., 2004 b).

Se os efeitos das SPA nos sujeitos, como investigado, não obedecem a uma norma, o funcionamento do mercado de lazer nocturno ostenta leis universais.

O consumo recreativo parece associar-se ao estilo de vida consumista vigente nos jovens, fenómeno esse que tem sido explicado pelas indústrias de música, diversão, bebidas alcoólicas e outras, que colocam no mercado, produtos dirigidos especificamente, a esta faixa etária (OEDT, 2002). A sociedade actual é caracterizada por uma relação com o consumo enquanto elemento central do mercado, em que o lazer, o entretenimento e a diversão foram, igualmente, apropriados pela indústria consumista, integrando as lógicas de um mercado globalizado (Calafat et al., 1999). A dinâmica que opera na sociedade actual promove a ideia de entretenimento alinhada à de consumo (Brukner, 2000; Verdú, 2003), onde os não usuários se encontram numa posição de desvantagem, por transgressão litúrgica, manifestando dificuldades de adaptação contextuais (Calafat et al, 2004 b) – *“O homem torna-se claramente um ser plástico vocacionado a adaptar-se ao momento e à situação”* (Melo, 2004).

Sair ao fim de semana converteu-se, para um sector importante de adolescentes e jovens

adultos, numa actividade exclusiva de diversão massificada, dentro de um contexto totalmente consumista, com uma colossal variedade de oferta que se adapta facilmente às suas necessidades (Mendes, 2007). O fim-de-semana é o espaço destinado à diferenciação e distinção social (Comas, 1996). São múltiplas as opções de entretenimento e o acesso ao consumo demasiado fácil. A maior parte das pessoas parece viver para momentos de ócio, funcionando o lazer como um contra - quotidiano revestido de uma dimensão mítica (Calado, 2006). Conscientes de que se definem mais pelo que não são do que pelo que são, cépticos perante a falta de perspectivas de carreira e de futuros profissionais, e “reflexivos” em torno da construção de estilos de vida, os jovens sondam o mundo e a história, no sentido de construírem as suas identidades através da manipulação do visual e da reinvenção cultural (Ferreira, 2009). Impossibilitados de projectarem o futuro, os jovens investem na gratificação do presente (Ferreira, 2009), e é aqui, que sob a égide da etiqueta do consumidor “funcional” ou “não toxicodependente”, entra o uso de SPA ilícitas.

Apesar do apogeu nocturno social dominante, predomina uma acentuada ligação entre a capacidade económica dos jovens e a sua frequência no meio recreativo - “sair à noite” é tendencialmente caro. Os jovens despendem grande parte do seu dinheiro em saídas (Calafat et al., 2004 b), sofrendo a quantia uma duplicação, no caso dos jovens consumidores habituais (Calafat et al., 2004 b). As despesas em lazer e entretenimento chegam mesmo a superar os orçamentos alimentícios familiares, independentemente dos tempos de acentuada crise (Verdú, 2003), ficando deste modo testemunhado, que o *clubbing* é fortemente glorificado, sendo uma potência da indústria cultural, que contribui massivamente para a economia das cidades locais (O’Connor & Wynne, 1995 cit. in Malbon, 1999).

Uma outra particularidade do uso recreativo de substâncias é que este surge como um consumo equilibrado, limitando-se a uma fase específica da vida do jovem, antes das respostas familiares e profissionais assumirem o primeiro plano (OEDT, 2002). Geralmente em período de férias, em que a vida e a ânsia de diversão são mais proeminentes, o consumo de SPA, habitualmente moderado, pode tornar-se excessivo (OEDT, 2002). Este consumo é considerado pelos jovens como um aspecto positivo das suas vidas (Henriques, 2003), outorgando os mesmos, que o uso de aditivos lhes possibilita uma experiência mundana mais completa (Calafat et al., 2004 b), possivelmente pelo conhecimento real dos efeitos que evoca.

Curiosamente, apesar do que atrás foi divulgado, o consumo de SPA ilícitas ainda não é percebido como um elemento integrante dos CR, apesar das evidências filiais serem muitas. Para a maioria dos jovens, a música, os aspectos sociais e a ingestão de álcool são os principais componentes de aceitação no meio (OEDT, 2006). No entanto, há uma fracção

considerável da população que inviabiliza as saídas nocturnas sem o recurso ao consumo de SPA ilícitas, consumo esse que assume contornos, por vezes, ineditáveis, aumentando a predisposição inconsequente para a adopção de outros comportamentos de risco dos quais, sóbria, se absteria (Lomba, 2008) – e.g. práticas sexuais contraproducentes (Martin, 2001), condução rodoviária arriscada (NIDA, 2007) e expressão da violência (ONU, 2005; OMS, 2006). Um estudo realizado em Inglaterra indicou que 6,9% dos pacientes em regime de internamento hospitalar se encontravam nessa condição, devido a uma relação directa ou indirecta, com o uso de SPA recreativas ilegais (Binks, Hoskins, Salmon & Bengner, 2005). Apesar de serem raras as mortes em ambientes nocturnos associadas ao consumo de SPA, em Inglaterra, num estudo análogo ao anterior, o ecstasy foi mencionado em 48 certidões de óbito e o GHB em 7 (Webster, 2008), dados que preceituam uma reflexão.

#### **I.1.4. Álcool – a substância lícita de eleição**

##### **I.1.4.1 Padrões de uso e exegeses de consumo**

O consumo de álcool, na nossa sociedade, é quase endémico. Apesar de se verificar um decréscimo do consumo nos jovens, entre o período de 2007 a 2011 (ESPAD/ECATD, 2011), é do conhecimento público, que a sua ingestão esporádica pesada, engrandeceu consideravelmente – fenómeno intitulado de *binge drinking* - consumo de grandes quantidades de álcool num curto espaço de tempo -, evidenciado especialmente entre jovens do sexo feminino (ESPAD, 2007). As discotecas e os bares são, claramente, os principais locais de ocorrência deste abuso (Feijão, 2010), na medida em que tiram partido dos desafios e inseguranças, que são apanágio da adolescência (Feijão, 2010).

Uma investigação revela que a população jovem (15-24 anos), consome álcool com uma frequência de três vezes por semana, ou mais (Gameiro, 1998), assumindo-se este, como um componente totémico, essencial, articulador e dinamizador dos tempos livres.

Portugal situa-se no 4º lugar do *ranking*, dos países europeus, com um consumo excessivo esporádico de bebidas alcoólicas (ESPAD, 2007). Uma das conclusões de um estudo apresentado no XIX Encontro das Taipas, o *European School Project on Alcohol and Drugs*, revelou que quase metade dos jovens portugueses, com 13 anos, ingere álcool (2010) - o número de jovens consumidores aumenta consoante as idades, sendo de 60% nos adolescentes com 14 anos, de 70% nos jovens com 15, crescendo para 80% na faixa etária dos 16, e chegando aos 90% quando se atinge os 17 anos (*European School Project on Alcohol and Drugs*, 2010). Num outro estudo divulgado em 2010, a associação de defesa dos consumidores

(DECO), concluiu, de igual forma, que mais de metade dos jovens portugueses, com idade inferior a 16, consome bebidas alcoólicas – *underage drinking*.

Os jovens possuem uma percepção clara face ao risco do álcool, todavia não apreendem o consumo circunscrito aos fins-de-semana, como uma forma de abuso (Cabral, 2004). Segundo a antiga presidente da Sociedade Portuguesa de Alcoologia - Fátima Ismail -, o uso excessivo de álcool na adolescência não é encarado como uma dependência, antes como o resultado de um erro social, onde este estupefaciente é positivamente conotado (Dianova, 2009), residindo aqui, a nosso ver, a hermenêutica do problema nacional.

Sensivelmente 90% dos jovens que saem à noite ingerem álcool (Irefrea cit. in Cabral, 2004). Os motivos que os incitam a ficar etilizados, prendem-se com a curiosidade, a imitação, a sugestionabilidade e a brincadeira entre pares que, não raras vezes, funciona como pressão (e.g. Santos, 1999; Matos, 2008). A melhoria das habilidades pessoais, o alcance de um estado de ânimo mais positivo e a desinibição, foram as razões citadas por Pascual (2010), na explanação do uso abusivo da aclamada substância.

## **I.2. PON – um sector profissional preponderante**

### **I.2.1. A relevância do papel dos PON, numa relação social de parceria**

A criação de ambientes de diversão nocturna seguros é uma prioridade crescente em toda a Europa, devendo as autoridades das cidades, e as próprias cidades, aferir, não apenas os hábitos de lazer da sua cultura juvenil, como também, os de outros países, à medida que aumenta o turismo internacional. A Europa, devido ao intercâmbio cultural, apresenta-se como uma entidade homogénea, no que diz respeito às narrativas tendentes ao consumo recreativo (Calafat, Becona, Fernández, Gil Carmena, Palmer, Sureda, & Torres, 2000 b), pelo que uma regulamentação *standard* seria vantajosa.

As SPA inter cruzam-se na noite, são percebidos como um componente estrutural – fazem parte da vida recreativa e adquirem significado nela, e o seu consumo é utilitário – intensifica e prolonga a diversão pretendida (Lomba, 2008). Os riscos produzem-se na esfera social (Calafat et al., 2008 b): a ambivalência da sociedade, que defende uma vida sem drogas, mas ao mesmo tempo, uma diversão sem limites, confunde os jovens, o que avoca à experimentação, e compromete a sua adesão às políticas de redução de consumo. Desmistificar a associação do uso de SPA ao êxito social é uma via prioritária, e os PON poderão desempenhar um papel crucial nesta missão.

Os PON apresentam-se como elementos chave na transferência de informações, valores,

modelos e atitudes, aos jovens frequentadores deste tipo de ambientes. Na imperante “era da informação” (Castells, 2000) existe a necessidade de educar em diferentes sectores, daí os profissionais, assumirem uma função basilar, enquanto agentes de socialização dos jovens. A socialização ocorre através de uma rede heterogeneizada de influências e mensagens. A posição privilegiada de proximidade dos profissionais com os clientes do recinto proporciona-lhes uma interacção mais poderosa, e por isso, mais “absorvente”, logo, benéfica, do ponto de vista educativo.

Apesar da indiscutível relevância do sector, a sua actuação isolada é, no entanto, infrutuosa. As dificuldades envolvidas na execução de um espaço de dança seguro, legal e rentável, devem ser superadas, através de uma relação coadjuvante entre os agentes locais e os proprietários do recinto (Webster, 2008). O envolvimento de todos os parceiros aumenta a legitimidade e eficiência das acções, conduzindo a uma maior capacitação, que se traduz numa maior qualidade e segurança nocturnas (Hauora, 1999). É importante a criação de um plano de coordenação externo e interno, que permita padronizar as actividades de funcionamento interinas, e estabelecer protocolos de colaboração com as forças policiais e os serviços médicos (Magalhães & Mendes, 2010). Criar sinergias envoltas ao problema, é um dos ditames fundamentais, à sua resolução.

A saúde, a segurança, a rentabilidade e o entretenimento são objectivos distintos, mas intimamente coligidos (Hauora, 1999). É imperativo o clube definir directrizes que facultem a satisfação dos eixos em destaque, sem diferenças.

A cooperação dos PON não é a panaceia para o consumo de drogas recreativas, mas é probatória a sua eficácia na redução de riscos (Steinhauer, 2001; Graham, Jolley & Purcell, 2005). Erradicar o consumo é uma tarefa impossível, considerando a prolixidade do fenómeno, mas minimizar os riscos inerentes ao mesmo, é uma tarefa perfeitamente exequível, e à qual se deve deferir. Se a envergadura entre a recreação e a música, passa pelas SPA, então os profissionais que operam nestas áreas, devem responsabilizar-se pela veiculação de informações direccionadas para práticas de saúde mais correctas, independentemente da precariedade das suas, recorrendo a uma congregação de entidades diversas.

Urge uma maior sensibilização dos PON para o seu papel socializador de excelência. A normalização do consumo de drogas está imbricada na sociedade actual. Um número significativo de jovens não se disponibiliza a abandonar os consumos, e acredita veemente possuir total controlo sobre estes (Calafat et al., 2003), o que, na maioria dos casos, resulta em falácia. Os PON devem, através de uma postura assertiva, que passa, nomeadamente, pelo cumprimento dos trâmites legais decretados, procurar não amplificar comportamentos de

resposta, social e individual, deletérios, num futuro breve. Deste modo, os responsáveis pela criação de programas de redução de consumo recreativo, devem investigar mais pormenorizadamente os elementos constitutivos deste agregado, e inseri-los como aspecto prioritário nessas intervenções - passo significativo na ratificação da função educativa do sector. A gestão eficaz dos locais de diversão nocturna é fundamental, tanto para proteger a saúde dos jovens, como para reduzir os encargos que um comportamento desajustado coloca sobre os serviços estaduais. Sem perder de mira a dimensão global e integrada da educação dos jovens, é na dimensão local, no contexto imediato do entretenimento, onde mais facilmente é possível intervir (Calafat et al., 2008 b).

A literatura não possui quaisquer dúvidas no que atende ao encargo socializador deste grupo, mas há muito mais a explorar (opiniões dos PON, obstáculos de actuação...). Dar antena a este agregado profissional, enceta um percurso concertante em termos de saúde pública, e é quase pioneiro (surpreendentemente!), no domínio da ciência.

### **1.2.1. Interpretações, posicionamento e actuação dos PON perante o uso de SPA em CR**

Apesar de diminuto o estado do saber relativo às percepções dos PON sobre a temática em análise, o que legitima a pertinência desta pesquisa, há escassos estudos que as contemplam. Essencialmente os jovens consomem drogas recreativas porque, segundo os PON, em grau declinante: gostam dos efeitos proporcionados pelos aditivos; são incapazes de dizer “não”; têm problemas pessoais; não se podem divertir sem SPA; e porque há escassez de informação (Calafat et al., 2008 b). Relativamente a este último item, sabe-se que os meios de comunicação e os próprios CR divulgam informação sobre os efeitos e consequências do uso de SPA. Contudo, este dado poderá significar que para os PON, a informação que chega aos jovens não é adequada, pelo que, a longo prazo, não surte resultados positivos (Calafat et al., 2008 b).

Os PON ao serem inquiridos sobre as crenças dos jovens em torno do consumo de SPA, que de certa forma poderão explicar também a sua própria orientação para consumir, num sentido descendente, destacaram: a conexão positiva entre os utilizadores de SPA; o exagero dos malefícios associados ao consumo de aditivos; o consumo de SPA percebido enquanto forma de rebelião; a inofensividade da cannabis; a adulteração dos produtos como perigo único; a possibilidade dos efeitos negativos provocados pelo uso serem colmatados com a prática de exercício físico e dieta; a anulação do divertimento na ausência do consumo de SPA; e a dificuldade da “degradação” da vida sem a presença do risco (Calafat et al., 2004 a).

Os jovens que frequentam estabelecimentos de entretenimento são percebidos pelos

profissionais que trabalham, directa ou indirectamente, com o ócio nocturno, como: influenciáveis pela moda - 91,4%-, com necessidade exclusiva de diversão – 73,9%, portadores de atitudes solidárias – 66,4%, e idealistas actuando no sentido de edificarem uma sociedade melhor – 47,9%; embora pouco esforçados na construção do seu futuro – 46,9% (Calafat et al., 2008 b). Uma percentagem dos mediadores - 37%- apontou o egoísmo, como uma característica sonora nestes jovens (Calafat et al., 2007). De acordo com este grupo, os principais objectivos de vida dos adolescentes são ganhar dinheiro (54,9%) e encontrar trabalho (41,6%), surgindo a luta pela não utilização de SPA ilícitas (5,7%), no patamar mais inferior das prioridades juvenis (Calafat et al., 2008 b).

Quando interrogados sobre o seu próprio padrão de uso, os PON referiram: o consumo de álcool em excesso, pelo menos, uma vez (62,3%); e o uso de cannabis (44,3%) e outras SPA ilícitas (39,3%), ocasionalmente (Calafat et al., 2005). O consumo de cocaína, comumente associado ao elemento de *staff - disc jockey*, reside, parece, na criatividade, ou seja, numa maior capacidade de elaboração de *sets*<sup>1</sup>(Silva, 2004).

Quanto às percepções de risco face ao consumo de SPA: 60% dos profissionais que trabalham nos (ou para) espaços de entretenimento, indicaram ser perigoso o uso regular de cannabis; 88,3% a ingestão de álcool em quantidades anormais, semanalmente; 93,3% o consumo de um maço de tabaco diário; e 96,7% e 100% indicaram o consumo de ecstasy e cocaína, respectivamente, durante o fim-de-semana, como prejudicial (Calafat et al., 2005).

Se o risco de uso é notado, porque circulam SPA ilícitas, em espírito comunitário, nos recintos de diversão nocturna? Será que tal não é perceptível para os empresários da noite? Ou estará esta “permissividade” associada à facturação de quantias pecuniárias significativas, que passam pela angariação de um maior número de frequentadores do estabelecimento, através de um aplanado acesso ao consumo?

A finalidade das indústrias é o lucro. Cerca de 26,1% dos PON, inquiridos sobre quais as estratégias mais utilizadas pela indústria do lazer para atrair clientes, citaram a criação de um ambiente tolerante, onde o uso de SPA não é percebido como um problema (Calafat et al., 2004 a). No mesmo estudo, 20,5% realçaram ainda a criação de espaços de diversão seguros e saudáveis e 50,8% dos PON testemunharam a manipulação dos jovens, por parte da indústria de lazer, com o intuito de obtenção de benefícios próprios (Calafat et al., 2004 a), o que reforça a supremacia económica.

Os PON consideram que os jovens sabem o que fazer para se divertir – 60,0% - e que

---

<sup>1</sup> Set – Selecção personalizada de faixas musicais

experienciam a “noitada” como algo extremamente positivo – 75,4% (Calafat et al., 2008 b). O “sair à noite” é um momento que lhes possibilita: reunir com os amigos, romper com a rotina, conhecer novas pessoas, dançar, ouvir música, consumir SPA e ter um acesso mais facilitado ao sexo (Calafat et al., 2004 a; Hughes & Bellis, 2004). A indústria recreativa, na posse de tais asserções, procura oferecer produtos e serviços voltados para a gratificação imediata, mais rentáveis a curto prazo, para o cliente e para o negócio (Calafat et al., 2008 b). É usual a empregabilidade de conceitos como “frenesim”, “loucura” e “êxtase” (efeitos possibilitados pelos aditivos) para definir o ambiente que envolve o recinto (Calafat et al., 2008 b), e com isso atrair um maior e mais eclético, número de sujeitos.

O interesse dos PON quanto à implementação de programas preventivos e de resposta a situações de risco nos estabelecimentos, contrariamente ao que seria esperado (sustentação teórica anterior), não parece ser reduzido, isto atendendo ao número de programas de intervenção que já foram executados a nível europeu<sup>2</sup>, e não só. Normalmente estes têm na sua base a concretização de um objectivo supremo, a melhoria da segurança e saúde dos espaços de ócio nocturno, implicando para tal o envolvimento e empenho de toda uma equipa de profissionais.

As intervenções neste âmbito requerem um conhecimento profundo da função do consumo de SPA na vida dos jovens em geral, e na diversão em particular, devendo assumir sempre uma posição ecológica e sofisticada, sob o risco de se converterem em programas contrapreventivos (Werch & Owen, 2002). Os resultados destas acções apontam para uma melhoria significativa no conhecimento e atitudes dos agentes da noite (Graham, Jellye & Purcell, 2005), e parecem produzir mudanças prolíficas ao nível da saúde pública. Não obstante, um estudo revelou que as intervenções não dependem da vontade ou competência dos profissionais, antes de mutações operadas na sociedade (Calafat, Juan & Duch, 2009), e muitos exigem ainda uma avaliação mais adequada no que reporta aos seus resultados e impacto (Calafat et al. 2003), encontrando-se cientificamente infundadas (Calafat et al., 2009).

Foi possível depreender após uma investigação cuidada, que 56,6% dos PON constitutivos de uma determinada amostra sentiam necessidade de formação específica em áreas diversas como: a gestão e implementação estratégica, a psicologia, prevenção de drogas e primeiros socorros – e.g. intervenção em episódios de coma etílico, “má viagem” com pensamentos paranóides, taquicardia, hiperactividade, transtorno delirante, depressão reactiva derivada do consumo de cocaína e golpes de calor produzidos pelo ecstasy (Calafat et al., 2004 b). O treino

---

<sup>2</sup> Salientam-se, por exemplo, as intervenções: *Recreative Safe Vibe e Check It* (Portugal), *Dance Drug Safety Project* (Reino Unido) e *Energy Control* (Espanha).

interactivo dos PON deveria obsidiar, por exemplo, domínios específicos como: as substâncias, os seus efeitos e riscos associados; a gestão de uma situação de crise; a redução do número de acidentes e a responsabilidade jurídica dos clubes (Hauora, 1999). O conhecimento dos PON sobre a legislação atinente ao álcool e drogas é igualmente relevante - 81% dos representantes da noite indicaram esta aquisição de saberes como fulcral quando o objectivo do clube é a segurança dos clientes (Calafat et al., 2004 a). Ainda assim, muitos profissionais não estão conscientes dos deveres e responsabilidades legais que derivam da situação laboral em que se encontram (Hauora, 1999) - cerca de 52,5% dos mediadores recreativos entrevistados afirmaram que o motivo porque trabalham na noite é, somente, a possibilidade de divertimento (Calafat et al., 2008 b), asserção que levanta controvérsia. Funcionários mal treinados e coordenados constituem um problema na gestão do estabelecimento (Homel, Tomsen & Thommeny, 1992).

Note-se que as necessidades dos PON, em matéria de formação, variam substancial e significativamente, em função: das características pessoais - os mediadores que receberam formação anterior, sentem mais necessidade de abarcar novos conhecimentos e estão mais sensibilizados para o problema; e do estilo de vida - os profissionais que se embriagam e consomem outro tipo de drogas, frequentemente, não aderem tanto à formação (Calafat et al., 2008 b). A ANASP (Associação Nacional de Agentes de Segurança Privada) pretende realizar workshops dirigidos a profissionais da área de diversão nocturna para “ *que possam adquirir conhecimentos relacionados com esta problemática, saibam como agir e conheçam o que a lei determina*” (Vieira, 2011,p.17), tudo em prol de uma maior consciencialização do sector.

A sobreposição de sujeitos e objectivos tem reforçado a discussão estéril sobre o posicionamento de actuação nestes espaços, entre a prevenção e a redução de riscos (Melo et al. 2010). Um aspecto inquestionável é a necessidade de fundir o pragmatismo à área preventiva, pois a oratória increpante dirigida à retracção ao consumo, não funciona (Silva, 2004). Não é através da diabolização do uso de substâncias que se consegue passar uma mensagem propícia à dissuasão do consumo. As abordagens moralistas situam-se ao nível da profecia e da ameaça, deslocando a argumentação para o plano do não demonstrável que, invariavelmente, fragiliza a credibilidade deste campo de intervenção (Melo, Andrade & Sampaio, 2007).

As intervenções centradas numa abordagem de prevenção primária apresentam-se desajustadas num estabelecimento nocturno, onde está confirmada uma alta proporção de clientes consumidores de drogas (Kunzel, Kroger & Buhninger, 1998), pelo que uma abordagem de redução de danos – consumo inteligente - se percepçiona como mais qualificada. A escassa motivação para a mudança, o carácter caótico do contexto, o não reconhecimento ou

consciência da necessidade de ajuda, são alguns dos principais argumentos daqueles que defendem a integração das intervenções, em contexto recreativo, no âmbito da redução de riscos (Melo et al. 2010). Sabemos que uma percepção mais elevada do risco está associada a uma menor probabilidade de consumo (Calafat et al., 2005). Para este efeito, estas intervenções fazem da relação de proximidade, informal e altamente adaptável, um dos seus principais instrumentos, fazendo uso do aconselhamento em relação à utilização de substâncias, o fornecimento de informação útil face aos comportamentos presenciais ou reportados, intervindo em cenários de crise e referenciando para respostas mais sustentadas (Melo et al. 2010). Em analogia, as intervenções preventivas carecem, frequentemente, de bases teóricas e metodológicas sólidas, possuem objectivos limitados, e são baseadas, essencialmente, na prestação de informação sobre as consequências do uso de estupefacientes (Calafat et al., 2004 a), tornando-se “enfadonhas” para o público.

Os programas a implementar nestes espaços devem descentrar-se dos jovens usuários de drogas, pois o enfoque exclusivo neste grupo condiciona o seu sucesso, abrindo lacunas ao nível da apreensão substancial dos processos desenrolados em meio festivo (Calafat et al., 2004 b). Todas as informações de carácter pertinente devem ser inventariadas (e.g. grupo consumidor, grupo não consumidor, especificidade do contexto) e vários actores sociais envolvidos, incluindo os próprios PON, quando a meta é a realização de um programa favorável, no âmbito documentado.

Inúmeros profissionais que modelam a arena recreativa apresentam-se cépticos face a tais programas de intervenção, pois consideram que os mesmos poderão perturbar os clientes mais niilistas, que não se mostram interessados em obter informações respeitantes ao tema (Webster, 2008). A prevenção assegura-se mais eficaz, quando derivada, segundo os representantes da noite, da educação entre pares e do apoio familiar - 89%-; sendo menos cotada, quando é efectuada nos recintos de diversão nocturna- 58% (Calafat et al., 2004 a). Os PON consignam que os pais renunciam nos tempos correntes à sua responsabilidade pedagoga (Calafat et al., 2007), sendo-lhes, por isso, delegadas, pela sociedade, novas funções. A família, o grupo de pares e as idiossincrasias do sujeito podem adquirir a designação de factores de risco ou de protecção (Becõna, 1999; Becõna, 2002) quando se discursa, mais a montante ou a jusante, sobre o consumo recreativo. Efectuar pill-testings<sup>3</sup> nos locais de diversão, realizar campanhas televisivas, e criar linhas telefónicas destinadas à informação e apoio, são outras alternativas

---

<sup>3</sup> Processo utilizado com a finalidade de identificar substâncias contidas numa pílula. A adulteração dos produtos é um avultado campo de batalha mundial, ajudando a realização destes testes à averiguação do grau de pureza das substâncias.

consideradas por este grupo, quando o objectivo é a prevenção do consumo, em CR (Calafat et al., 2008 b).

No que diz respeito ao uso de SPA ilícitas dentro dos estabelecimentos, as opiniões dos PON dividem-se: enquanto uns louvam as campanhas de informação dirigidas a reduzir o consumo de aditivos, outros não hesitam em admitir que ao integrá-las, o único interesse é o de manter a ordem e evitar problemas internos (Calafat et al., 1999). O controlo formal para impedir ou restringir o uso de drogas estabelecido nestes espaços, sobretudo o dirigido ao consumo de ecstasy e drogas leves, é cómodo (Calafat et al., 1999). Quem tencionar adquirir alguma SPA nestes recintos, praticamente não precisa de procurar ou indagar por um vendedor. A concentração de grande número de jovens em clubes nocturnos fornece uma isca atraente aos traficantes de drogas, que vêem estes espaços como locais de mercado potencialmente lucrativo (Morris, 1998). Existe um micromercado que envolve os jovens na venda do produto, o que lhes permite, simultaneamente, financiar o próprio consumo e as saídas nocturnas (Calafat et al., 2008 b). A produção e comercialização de algumas SPA ilegais ocorrem em grande parte na Europa, e esta última não depende de grandes corporações mafiosas, mas sim de um negócio de pequena escala (EMCDDA, 2006 cit.in Calafat et al., 2008 b).

Quando as medidas legais implicam o encerramento dos clubes e a proibição das SPA ilícitas nos mesmos, os PON expressam que tais atitudes exercem um controlo ineficiente em termos preventivos, sendo o único objectivo alcançado, o de conseguir suavizar a opinião pública (Calafat et al., 1999). 54, 5% dos profissionais que obsidiaram a amostra de um estudo, admitiram que a presença das forças legais reduz a diversão, embora 49,4% aludiram à comparência da figura policial, como uma medida positiva de segurança do clube (Calafat et al., 2004 a). Apenas 29,8% dos profissionais da noite afirmaram que os proprietários dos clubes estão efectivamente preocupados com o consumo de SPA dentro dos seus estabelecimentos, mas que não sabem como o travar (Calafat et al., 2008 b), o que deixa a descoberto uma percentagem significativa de profissionais que “desvia o olhar” ao tema.

Como exemplo meritório, a polícia de Kent (Londres) utilizou uma abordagem pro-activa, em parceria com o *staff* de cada estabelecimento, no sentido de reduzir o tráfico e consumo de droga. Esta abordagem incluía um relatório confidencial de mapeamento, fornecido a cada titular de licença, sobre as SPA mais consumidas no estabelecimento, e uma máquina de detecção de SPA ilícitas colocada à porta dos recintos – *amnesty box* - onde quem se recusasse a ser avaliado, vi-a recusada a entrada no estabelecimento (Webster, 2008). Alguns PON ainda concebem a apreensão de substâncias pelos agentes legais, como sendo um indicativo de que o clube apresenta problemas relacionados com a droga, o que compromete a respectiva licença,

daí “repelirem” quaisquer parcerias. Além disso, um dos óbices na base da concretização deste tipo de medidas prende-se com o consumo intensivo e insalubre de todo o tipo de estupefacientes, por parte dos clientes, antes da entrada no local de diversão (Webster, 2008), o que agrava a condição de saúde pública. Mas, então, como actuar?

O controlo dentro das discotecas é o resultado das estratégias de *marketing* criadas pelos gestores, e é realizada pelos serviços de segurança (Calafat et al., 1999). Compete, deste modo, às próprias casas nocturnas, criarem as suas políticas internas, que podem ou não, ser complacentes com o uso de substâncias ilegais.

Em Londres, realiza-se anualmente uma cerimónia, que tende a premiar o bar/discoteca, que reúne os melhores padrões de funcionamento no engodo da segurança pública. São cinco as áreas-chave que potenciam um ambiente de dança seguro: a prevenção da superlotação; a disponibilidade de água potável; o ar condicionado e ventilação; outras medidas para combater o aquecimento; e a segurança global (Webster, 2008).

A superlotação torna mais fácil a venda e aquisição do produto ilegal, pelo que um controlo rigoroso dos indivíduos que entram no recinto, por parte da segurança, minimizaria problemas desta índole - 87,1% dos profissionais que laboram na indústria do lazer, indicaram a importância do controlo de segurança (Calafat et al, 2004 a). Alguns locais empregam seguranças numa base puramente pessoal, não recorrendo a empresas referenciadas, o que resulta, por vezes, no envolvimento destes, numa operação de tráfico de drogas, dentro do recinto (Morris, 1998). Um estudo permitiu constatar que 10% dos seguranças, investigados nos anos de 1996 e 1997, cooperavam com o tráfico de drogas (Morris, 1998). Nos CR, as práticas ilegais envolvendo o uso de drogas, são prevalentes. Os gerentes dos espaços nocturnos podem estar inconscientes do crime organizado, ou pelo contrário, podem estar conscientes, e envolvidos ou não (Morris, 1998).

A disponibilidade de água potável nos espaços de diversão nocturna reveste-se também de elevada importância, sobretudo nos casos mais problemáticos de consumo de álcool e drogas, particularmente, o ecstasy (Webster, 2008).

No que diz respeito às medidas alternativas de controlo do aquecimento, os clientes têm a obrigação de controlar os seus níveis de calor, ainda assim os *disc-jockeys* devem estar atentos ao que acontece na pista, e devem estar cientes da temperatura presente (Webster, 2008). É possível, dentro da mistura de registos, introduzir alguns momentos de tempo mais calmos, que possam colmatar o excesso de temperatura corporal, provocado por movimentos excessivos, e consumo de substâncias (Webster, 2008).

Funcionários vigilantes ajudam a manter a segurança do espaço nocturno, devendo patrulhar

todas as áreas do recinto, especialmente as mais isoladas e os Wc (Webster, 2008), podendo a ligação entre os funcionários ser alcançada através de sistemas de comunicação por rádio, para uma maior segurança (Morris, 1998). A televisão pode, igualmente, ser um excelente meio de combate ao tráfico de drogas, contudo, não deve nunca invadir a legítima privacidade dos frequentadores da discoteca/pub (Webster, 2008).

Não é de todo fácil definir a estratégia destes programas, quer porque se desenvolvem em contextos mercantilizados e mediatizados, que incitam os jovens a consumir múltiplos produtos, quer porque a prevenção choca com ideais muito arraigados na sociedade actual, onde o prazer, já atrás referido, é um dos valores de primeira instância (Lomba, 2008). Porém, a simples inexistência de intervenções neste âmbito envolvendo os PON, bem conseguidas ou não, iliba a responsabilidade da sociedade na redução dos “males” públicos, o que dilacera os desígnios comunitários.

### **I.2.3. A legislação aplicável ao álcool – procedimentos e dificuldades de controlo**

No que reporta ao álcool é impossível não ser por nós emitida, mais uma vez, a trivial e relevante questão - estará a facilitação do consumo recreativo de SPA coligida ao factor económico? Se a obtenção de capital não é uma prioridade, como se explica também o não cumprimento do Decreto - lei nº9, de 24 de Janeiro de 2002 (Cabral, 2004; Franco, 2009 cit. in Dianova, 2009), que proíbe a venda de álcool a menores de 16, pelos estabelecimentos nocturnos?

Das evidências científicas citadas aquando da apresentação dos dados epidemiológicos da substância, infere-se o deficiente controlo dos PON na acessibilidade ao álcool a menores. Tal configura-se preocupante, pois o álcool consumido na adolescência pode provocar uma diminuição da capacidade de aprendizagem, podendo mesmo gerar perda das capacidades cognitivas (Antunes, 1998), potenciando o surgimento de perturbações psiquiátricas e outros comprometimentos a nível da saúde mental (Borges, 1993). O cérebro leva mais de uma semana a recuperar dos efeitos do álcool, o que significa que nos dias ulteriores ao consumo, a pessoa terá dificuldade em memorizar e compreender conceitos (Cabral, 2004). O alcoolismo está associado à maioria das causas de morte na adolescência, e os traumatismos, suicídios e homicídios são responsáveis por grande número de óbitos nos jovens, estando o álcool quase sempre presente (Antunes, 2000). O adolescente que bebe tem probabilidade de vir a desenvolver comportamentos desviantes, interferindo o consumo excessivo do estupefaciente, com as fases normais do seu processo de desenvolvimento (Antunes, 1998), agravando-se o quadro clínico de acordo com a mais baixa idade de iniciação do uso (Dawson, Goldstein, Chou, Ruan & Grant, 2008).

Se uma lei é decretada num país, não terá ela uma base maciça de investigação teórico-prática que fundamente a sua pertinência? Essa base é “anulada” porque razões?

Numa investigação levada a cabo no Reino Unido, os seguranças dos recintos destinados ao entretenimento, alegaram raramente encontrar menores de idade, e referiram (90%) que quando alguém se torna suspeito, a respectiva identificação é facultada. (Willner, Hart & Binmore, 2000), embora não seja este o procedimento usual no nosso país<sup>4</sup>.

Os PON, numa investigação da autoria do Irefrea, referiram que a venda de bebidas alcoólicas a menores deve ser penalizada (Calafat et al., 2004 a). Resta-nos perguntar: porque não se cumpre de forma exímia a lei? Porquê os contornos evidenciados na sua execução? A retórica dos PON é oposta aos seus interesses, mas necessária à garantia de “bons samaritanos”?

Os motivos explicativos para a situação de “execução periférica” da lei, apresentados por Fonseca (2009), implicam a dificuldade dos profissionais em controlar quem bebe o quê e, naturalmente, um decréscimo do número de clientes, caso a lei seja escrupulosamente aplicada. Se a fiscalização à porta dos estabelecimentos fosse realizada, o primeiro motivo apontado não seria um problema – só jovens com idade igual ou superior a 16 anos podem frequentar estabelecimentos de diversão nocturna, logo, todos eles, uma vez lá dentro, podem por lei, consumir álcool.

O Plano Nacional para a Redução de Problemas ligados ao Álcool (2010) prevê o aumento da idade de proibição de venda desta droga, dos 16 para os 18 anos, embora seja, para nós, uma medida que não fará qualquer diferença, caso a proibição de venda a menores de 16 não se torne efectiva em termos de cumprimento legal dos estabelecimentos, e respectiva fiscalização policial. A nosso ver, se os jovens menores de 18 puderem frequentar este tipo de espaços, esta situação só piorará, porque aí sim, será crítico controlar o que se vende.

A par do controlo de portas, regulamentar e controlar o preço e disponibilidade das bebidas alcoólicas são medidas louváveis (Magalhães & Mendes, 2010). Tal poderá ser materializado evitando os descontos e promoções, ou garantindo que os mesmos não incentivam o consumo excessivo. Recorrer à divulgação de bebidas alternativas sem álcool, é uma outra possibilidade (Magalhães & Mendes, 2010). Similarmente, a tributação do álcool, a definição de horários de venda restritos, a imposição de limites à concentração dos pontos de venda e até a suspensão de licenças dos estabelecimentos, também poderão “suavizar” o consumo nos locais de diversão nocturna (OEDT, 2010). É igualmente importante que a venda continuada de álcool, pelos PON, a clientes já visivelmente intoxicados (Homel & Clark, 1994), deixe de se verificar.

---

<sup>4</sup> asserção formulada pela experiência pessoal, reforçada por reportagens várias – e.g. Grande Reportagem Bar Aberto - SIC, 2011, disponível em [www.youtube.com](http://www.youtube.com).

A combinação da formação dos clientes e dos PON com a cooperação obrigatória entre as autoridades e a indústria de lazer, e a aplicação da lei (licenciamento e verificação da idade) são apontadas como o melhor ardil para reduzir as lesões, os padrões de consumo problemático e o acesso dos jovens ao álcool (OEDT, 2010).

---

Apesar de serem abrangentes os estudos em torno do consumo recreativo – que sustentam a presença das SPA (lícitas e ilícitas) no contexto de ócio, e até a importância socializadora que os profissionais destes espaços desempenham -, são fragmentados e muito pouco sistemáticos aqueles que oferecem primazia à voz do *staff* de um estabelecimento nocturno.

Os responsáveis pela elaboração e implementação de programas em CR, sobretudo os que integram nos seus módulos a parceria dos PON, beneficiarão, parece-nos, destes testemunhos. Auxilia-los nessa tarefa, é um dos propósitos desta pesquisa. A centralidade destes profissionais na intervenção recreativa é elementar, devendo o seu “pensamento” ser escrutinado para uma maior eficiência do exercício, no contexto.

Os objectivos específicos da investigação atendem, nesta lógica lacunar, às percepções que os PON possuem face às SPA - porquê se consomem em ambiente festivo; quais as substâncias que consideram ser mais prevalentes; evolução dos consumos nos estabelecimentos; compreensões do fenómeno do comportamento aditivo; experiências pessoais e trajectórias de uso de SPA e a leitura atinente ao controlo da circulação de substâncias nos espaços de entretenimento noctívago. Finalmente tentar-se-á perceber, também na perspectiva dos PON, qual a função que o factor económico desempenha sobre o uso de SPA em CR, explorando-se aqui não só o consumo de drogas ilícitas, como também o consumo de drogas lícitas - álcool - em menores de 16 (Decreto - lei nº9, de 24 de Janeiro de 2002).

## **CAPÍTULO II. METODOLOGIA**

Na extensão dos objectivos atrás enumerados, procurou-se dar resposta às seguintes questões:

A. Quais as percepções do consumo recreativo pelos PON? (aqui incluem-se as percepções dos profissionais relativamente às SPA ilícitas mais consumidas e respectivos padrões de uso, motivos de consumo dos clientes e pessoais, características dos consumidores e impressões afectas à possibilidade de domínio do consumo - utilidade e viabilidade das medidas de controlo e segurança nos estabelecimentos).

B. Como se relacionam os interesses da economia nocturna com o consumo de SPA? Isto é, qual a relevância atribuída pelos PON, a aspectos como o lucro e o cumprimento da lei/segurança pública?

A selecção do método geral da investigação constitui uma das principais decisões do investigador, no entanto é a natureza do problema que dita muitas vezes o método a seguir (Hungler & Polit, 1994). Uma vez que as questões do estudo apontam para um objecto de estudo que abarca preferencialmente uma natureza descritiva e interpretativa, a metodologia empregue foi de índole qualitativa. O método qualitativo convencionou uma abordagem que “*ênfatiza a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais*” (Bogdan e Biklen, 1994), o que satisfaz, prontamente, a finalidade da pesquisa.

Por estarmos perante uma amostra diminuta, mas com significatividade deíctica considerável, a metodologia de investigação qualitativa a que se recorreu foi a análise de conteúdo, concebida para averiguar hipóteses e/ ou explorar campos de análise. Esta metodologia, no território das ciências sociais, pretende ser um meio de detecção de valores sociais, imagens, modelos ou símbolos empregues pelos emissores culturais e, igualmente pretende aferir o grau de sintonização daqueles, com os interesses, motivações e aspirações da sociedade a que destinam (Janeira, 1972). Através desta via é mesmo possível captar a ideologia ou ideologias subjacentes à comunicação e averiguar da sua correlação com a (ou as) da sociedade, assim como ver até que ponto existe um desnível entre o que se transmite ou se quer transmitir, e o que se vive (Janeira, 1972).

Podemos definir a análise de conteúdo como uma arte de investigação que permite fazer inferências, válidas e replicáveis, dos dados para o seu contexto (Krippendorf, 1980). Para Stemler (2001), a análise de conteúdo é uma técnica sistemática e replicável para comprimir muitas palavras de texto em poucas categorias de conteúdo. Trata-se, mormente, de um “*conjunto de técnicas de análise de comunicações (...) que aposta no rigor do método como forma de não se perder na heterogeneidade do seu objecto, visando obter por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores e conhecimentos relativos às condições de variáveis inferidos na mensagem*” (Bardin, 1979, p.31). É uma metodologia que parte de uma literatura de primeiro plano, com vista ao alcance de um nível de submersão – “*tradução da prédica*” da amostra.

De forma sumária, a proposta que acompanha a análise de conteúdo, refere-se a uma decomposição do discurso e identificação de unidades de análise ou grupos de representações, para subsequente categorização dos fenómenos – reconstrução de significados que ostentam

uma compreensão mais profunda da interpretação da realidade do grupo estudado (Silva, Gobbi & Simão, 2005), grupo que, como relatado, apresenta áreas lacunares expressivas ao nível da investigação científica.

### **II.1. Amostra**

A amostra desta investigação foi constituída por diversos elementos integrativos de *staff*, de conhecidos estabelecimentos nocturnos, da zona norte e centro do país. Foram inquiridos 7 elementos – *barman*, *disc-jockey*, segurança, relações públicas, gerente, proprietário e *light jockey* (N=7) –, todos oriundos de diferentes espaços noctívagos - 7, tendo em conta a sua disponibilidade e interesse de participação.

Sendo o objectivo deste estudo a caracterização das percepções dos PON face ao consumo, e sendo os PON um grupo composto por sujeitos que desempenham funções distintas dentro do espaço de entretenimento, torna-se pertinente a valorização das ópticas de cada elemento.

A selecção da amostra e dos estabelecimentos obedeceu a critérios intencionais - papéis laborais diferenciados e estabelecimentos de ambiência divergente.

### **II.2. Instrumento**

O instrumento utilizado na recolha da informação consistiu num guião especificamente concebido para o estudo, que aporta questões que permitem a facultação da informação pretendida – referencial de perguntas - guia. Este foi adquirindo um carácter mais flexível, de acordo com as respostas mais abertas ou fechadas, que se foram obtendo dos inquiridos. A lógica semi-indutiva, pela qual esta investigação se pauta, obrigou a uma sequência de etapas menos rígida no alcance do objecto de estudo em foco. O permitir a fluência do discurso dos elementos, sem desvio do tema, alcançando-se aspectos mais categóricos, é algo enriquecedor do ponto de vista metodológico qualitativo, pelo que se tentou imprimir tal atitude ao longo da efectivação das entrevistas.

O guião da entrevista foi segmentado, por uma questão organizativa da informação, em agregados de perguntas que compreendem dimensões específicas, como: *relação noite-drogas; drogas recreativas ilícitas e características dos consumidores recreativos; nível da experiência; sensibilização social; álcool e lei e perspectiva futura* (tabela 1). De notar, no entanto, que as questões que foram apresentadas aos PON, não se cingiram ao seu espaço recreativo de actual labor, mas à prática que fruía, no momento da colecta, enquanto profissionais da área.

Para além dos dados suscitados pelo investigador à amostra, recorreu-se à observação directa – participante e não participante (frequência e actuação como *barmaid* em 7 recintos nocturnos

diversificados), com o desígnio de alcançar uma descrição genérica dos terrenos de investigação e a sinalização da ocorrência de consumos – dilatação do *corpus* informativo. Estes encerram um conjunto de especificidades, nomeadamente relacionadas com as políticas funcionais dos estabelecimentos, que devem ser consideradas, como forma de assegurar a validade do estudo. A observação participante é uma técnica de investigação qualitativa adequada ao investigador que procura compreender um meio social que à partida, lhe é estranho ou exterior, e que lhe vai permitir a integração progressiva nas actividades características do contexto (Boutin, 1990). É um complemento que visa aproximar a realidade das práticas profissionais ao conteúdo teórico revisto e explorado, sendo uma mais-valia a invocação de dados, no referente estudo científico.

Apresentação	- Esclarecimentos sobre o âmbito da investigação - Dados sócio-demográficos
A. Relação noite-drogas	1. Percepção genérica da associação da noite às drogas. 2. Correlação entre a noite e a evolução dos consumos 3. Razões implícitas ao consumo recreativo
B. Drogas recreativas ilícitas e características dos consumidores recreativos	1. Percepção das substâncias mais consumidas na noite 2. Percepção da faixa etária dos consumidores 3. Existência de características pessoais/comportamentos-padrão neste grupo 4. Padrão de uso de substâncias – restrito vs. alargado ao contexto
C. Nível da experiência (PON)	1. Consumo pessoal de SPA 2. Relação entre a experiência de consumo e a noite 3. Motivações pessoais de consumo
D. Sensibilização Social	1. Estratégias mais eficazes para lidar com o problema do consumo na noite 2. Conhecimento e avaliação dos programas implementados nos estabelecimentos nocturnos 3. Percepção de si enquanto modelo de referência para os clientes/ Atitude inculcada aos PON
E. Álcool e lei	1. Relação jovens - álcool 2. Consciência juvenil dos riscos inerentes ao consumo precoce de álcool 3. Desafios/dificuldades que se levantam ao cumprimento da lei nº9/2002 4. Exploração da avaliação face o aumento da idade mínima legal para o consumo de álcool/ correlação entre a acção e o vislumbre de alterações significativas, no que reporta ao padrão de consumo e fiscalização por parte dos PON

(cont.)

F. Perspectiva futura	1. Averiguação da possibilidade de existência de noite e diversão sem SPA ilícitas e álcool
Avaliação do Processo	- Percepção face ao resultado da entrevista

**Tabela 1.** Sistematização do guião de entrevista.

A *Apresentação* tem o intento de esclarecer a amostra relativamente aos objectivos e procedimento da investigação científica - prática ética citada no Código de Helsínquia (Osswald, 2001).

Na secção B procurou-se incluir a percepção dos PON sobre a presença de uma relação, crescente ou declinante, entre as SPA e a noite, e sobre as motivações de consumo dos clientes. A designação genérica *Relação Noite – Drogas* pareceu-nos adequada às dimensões que se pretendeu estudar.

A secção C - *Drogas recreativas e características dos consumidores recreativos*, foi assim denominada por se pretender, aqui, averiguar a percepção dos PON sobre as SPA ilícitas mais usuais na noite e respectivo padrão de uso, analisando-se igualmente as percepções associadas às características – psicológicas e físicas - dos consumidores recreativos.

A temática *Nível da Experiência* refere-se ao consumo pessoal de SPA ilícitas pela amostra, e relação do mesmo com o CR nocturno. São também aqui analisadas as causas de uso.

No tópico *Sensibilização social* procuramos explorar o ponto de vista dos PON no que concerne à possibilidade de controlo do uso de SPA ilícitas na noite e quais as estratégias mais adequadas para o efeito. Questionou-se também a amostra sobre o conhecimento, participação e avaliação de intervenções realizadas em CR, e sobre a relevância (percepção de modelagem de comportamentos) e existência de uma política atitudinal imposta aos PON nos estabelecimentos.

O álcool ocupou uma secção diferenciada – *Álcool e lei* -, porque se pretendia analisar em concreto as dificuldades associadas ao cumprimento da lei nº9/2002, e a percepção dos PON relativamente ao impacto do aumento da idade mínima legal permitida para consumo. Como introdução ao tema, abordaram-se a relação jovens – álcool e a consciencialização destes no que reporta aos riscos de consumo.

Por último, como forma conclusiva e integrativa de todas as questões abordadas, criou-se uma secção destinada à percepção dos PON sobre o futuro recreativo nocturno – *Perspectiva futura* - possibilidade/impossibilidade da sua existência sem o uso de álcool e SPA ilícitas.

Averiguar se a percepção dos PON, no que respeita ao resultado da entrevista foi positiva, foi também materializado.

### **II. 3. Procedimentos de recolha de dados**

Depois de obtida a autorização dos PON, dos vários estabelecimentos, para a participação no estudo, a fase de colheita de dados foi iniciada. As entrevistas foram recolhidas individualmente pelo investigador, nos meses de Fevereiro e Março de 2011, em local e horário indiferenciados (contexto naturalista e externo, de acordo com a conveniência dos participantes e do investigador), depois de contactados os elementos telefonicamente. As entrevistas compreenderam um período de, sensivelmente, 30 minutos, tendo sido utilizado o gravador como forma de registo fidedigno da narrativa da amostra.

Uma vez terminada a colheita de dados, as entrevistas foram transcritas. O seu tratamento foi efectuando através de um recorte /divisão do texto em unidades de significado, com posterior quantificação e classificação/agregação por parentesco de sentido. A análise de conteúdo pressupôs, assim, uma pré-análise - operacionalização e sistematização de ideias iniciais -, a exploração do material - aprimoramento de ideias anteriores - e a interpretação – transformação dos dados brutos em resultados significativos e válidos (Bardin, 1979).

A categorização mista (Laville & Dionne, 1999) ora “por caixas”<sup>5</sup> (*a priori*), ora “por milha” (progressivamente definida), a que as unidades de registo foram sujeitas, teve em vista a redução da complexidade da informação, identificando-a, ordenando-a e atribuindo-lhe sentido. Procurou-se simplificar para potenciar a apreensão e, quando possível, a explicação da realidade.

Optou-se pelo critério de categorização semântico, que apreende um agrupamento por temas. Nesta fase foram respeitados as regras de criação de boas categorias (Bardin, 1977): exclusão mútua, homogeneidade, pertinência, objectividade/fidelidade e produtividade.

Na tabela 2, abaixo, apresentamos de forma sintética as categorias e subcategorias encontradas na análise das entrevistas aos participantes. A explicação da designação das mesmas foi

---

<sup>5</sup> A estruturação do guião por temas permitiu o “reaproveitamento” destes, enquanto categorias -mãe, que depois se ramificaram, dando origem a categorias e subcategorias diversas. O procedimento poderá ser classificado como fechado (lista prévia de categorias centrais apropriada ao objecto de estudo) e, simultaneamente, aberto (categorização provisória e instável que emerge do próprio material).

remetida para anexo (Anexo III – Code - books das entrevistas).

<b>Temas</b>	<b>Categoria</b>	<b>Subcategorias</b>
<b>Noite – Drogas</b>	1 - Associação noite - drogas; 2- Evolução do consumo; 3- Motivações de consumo	1- Presente; Ausente; 2- Acréscimo; Decréscimo; 3- Grupo de pares; Moda; Ambiência social; Música; Diversão; Fuga aos problemas; Afirmação; Prazer; Outros
<b>Drogas recreativas e características dos consumidores</b>	1- Substâncias prevalentes; 2- Faixa etária dos consumidores; 3- Características dos consumidores; 4 - Padrão de uso	1- Canabinóides; Cocaína; Sintéticos; 2 - «25; 25-35;» 35; Indiferenciado; 3- Psicológicas (Tendência para o conflito, Sugestionabilidade, Tranquilidade, Deficiências cognitivas); Físicas (Visual, Particularidades fisionómicas/maneirismos); 4- Circunscrito à noite; Amplificado
<b>Nível da experiência</b>	1- Consumo pessoal; 2- Ocorrência de consumo na noite; 3- Motivações de consumo	1- Presente; Ausente; 2- Positivo, Negativo; 3- Desinibição; Influência; Curiosidade/Novidade; Diversão
<b>Álcool e lei</b>	1 - Relação jovens - álcool; 2- Consciencialização do risco de consumo; 3- Dificuldades no cumprimento dos trâmites legais; 4- Avaliação do impacto do aumento da idade mínima legal para o álcool	1- Presente; Ausente; 2- Presente; Ausente; 3- Desejabilidade social; Aparência errónea; Inexequibilidade; Prejuízo dos estabelecimentos; 4- Favorável; Desfavorável (Ausência de redução do consumo; Prejuízo dos estabelecimentos)
<b>Sensibilização social</b>	1- Controlo do uso de SPA ilícitas na noite; 2- Conhecimento das intervenções realizadas nos estabelecimentos; 3- Envolvimento em intervenções nos estabelecimentos; 4- Avaliação do impacto das intervenções; 5- Estratégias de implementação eficazes; 6- PON;	1- Possível; Impossível (Impraticabilidade; parceria Dos PON; prejuízo dos estabelecimentos); 2- Presente; Ausente; 3- Positivo; Negativo; 4 – Positivo; Negativo 5- Legalização, Fiscalização Policial; Controlo de segurança; Campanhas de prevenção/RRMD; Outros; 6- Inculcamento de atitude pela direcção (Presente – Diversão, Responsabilidade; Ausente); Percepção de modelagem (Presente; Ausente)
<b>Perspectiva futura</b>	Isonção do consumo	1- Álcool (Possível, Impossível); 2- SPA ilícitas (Possível, Impossível)

**Tabela 2.** Sistematização da análise das entrevistas

Depois de elaborada a categorização, procedeu-se à sua organização em quadros – grelhas de análise de conteúdo – onde foi exposta toda a informação extraída das entrevistas considerada pertinente, nomeadamente excertos do discurso da amostra – “*um bom trabalho qualitativo é documentado com boas descrições provenientes dos dados para ilustrar e substanciar as asserções feitas*” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 252), que passaram, ulteriormente, como já comentado, pelo crivo quantitativo – frequência de evocação das categorias e respectivo N.

A análise dos dados é um processo cognitivo de descoberta e manipulação abstracta de categorias, e de relações entre essas categorias (Goetz & LeCompte, 1984), afigurando-se, como uma fase revestida de uma importância singular extrema. Todo este processo se desenrolou por tentativas, avanços e recuos, obrigando a uma leitura sistemática do material, como forma de *“dar sentido a este conjunto de factos, sem reduzir a riqueza das significações”* (Poirier et al., 1999, p.107).

Os resultados qualitativos não encerram um estatuto de realidade ou verdade apreendida, uma vez que são recolhidos e interpretados idiossincraticamente por um investigador que, inicialmente assume determinado posicionamento conjectural, embora não possa deixar que o mesmo influencie, na íntegra, os resultados do processo. Neste sentido, apraz dizer que a metodologia adoptada produziu conclusões, cuja informação, apesar de baseada na análise de informações de campo, as *“transcendeu”* (Hamel, Dufour & Fortin, 1993) – função exploratória/heurística -, porém sem qualquer manipulação dos dados (manutenção de juízes cruzados) e sem qualquer desrespeito pela óptica dos actores do fenómeno. A extrapolação do conteúdo latente das comunicações apoiou-se, naturalmente, nos conteúdos observados.

As conclusões e reconstruções de todo o processo foram facultadas ao grupo de investigação, sendo-lhe dada oportunidade de reacção a estas. A identidade dos elementos e dos próprios estabelecimentos foram asseguradas, reportando-se os dados recolhidos (eticamente tratados), exclusivamente para fins científicos.

### **CAPÍTULO III. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS**

Após a colheita dos dados procede-se, neste capítulo, à apresentação dos resultados.

#### **III.1. Caracterização dos participantes:**

São anunciadas na tabela 3 as características da amostra. Dos 7 elementos entrevistados: 86% são do sexo masculino e 14% do sexo feminino; todos são maiores de idade (19-37); 71% são solteiros e 29% casados; 43% têm ou estão a concluir o ensino superior e 57% têm o ensino secundário (destes, 25% concluíram apenas o 9ºano e 75% o 12ºano); 86% residem no norte do país e 14% no centro; e 57% têm uma ocupação para lá do trabalho em estabelecimentos de ócio nocturno, contra 43% que laboram, exclusivamente, em recintos de entretenimento.

Participante	Sexo	Idade	Estado civil	Habilitações literárias	Residência	Ocupação
A	F	29	Casada	Ensino Superior	Porto	<u>Gerente</u> de um estabelecimento nocturno
B	M	27	Solteiro	Ensino Secundário	Braga	<u>Barman</u> ; Gerente de uma oficina mecânica
C	M	37	Casado	Ensino Secundário	Porto	<u>Proprietário</u> de um estabelecimento nocturno
D	M	31	Solteiro	Ensino Secundário	Vizela	<u>Disc Jockey</u> ; Proprietário de uma empresa de eventos
E	M	25	Solteiro	Ensino Superior	Coimbra	RP de um estabelecimento nocturno; Estudante
F	M	31	Solteiro	Ensino Superior	Porto	<u>Segurança de um estabelecimento nocturno</u>
G	M	19	Solteiro	Ensino Secundário	Porto	<u>Light Jockey</u> ; Manequim

**Tabela 3.** Apresentação dos dados sócio-demográficos da amostra

### III. 2. Relação Noite – Drogas

	Categoria	Subcategoria	Frequência	N
	Associação noite – drogas		Presente	21
Ausente			0	0
Evolução do consumo		Acréscimo	9	7
		Decréscimo	2	2
Relação Noite – Droga	Motivações de consumo	Grupo de pares	7	5
		Moda	3	3
		Ambiência social	2	1
		Música	3	2
		Diversão	9	5
		Fuga aos problemas	8	5
		Afirmação	2	2
		Prazer	3	2
		Outros	6	4

**Tabela 4.** Grelha sintética de análise conteúdo – Noite – Droga

Como é possível constatar na tabela acima, a associação da noite as drogas apresenta-se fortemente vincada - e.g. “ (...) as drogas são um elemento implícito à diversão”; “Cada vez mais as pessoas não sabem relacionar a noite sem drogas”, não existindo quaisquer unidades de registo atribuídas à infirmação desta relação. A observação participante e não participante nos CR acusou, forçosamente, este uso (Anexo II).

A evolução do consumo recreativo é percebida maioritariamente como um fenómeno em crescimento – e.g. “Hoje, e cada vez mais, a facilidade em encontrar estupefacientes é notória (...) esta facilidade associada aos efeitos secundários do consumo (...) leva a que o consumo

*seja procurado e aumente” - , porém alguns PON apontam para um decréscimo do uso de SPA ilícitas singulares (e.g. ácidos).*

Quanto às razões que levam os indivíduos a consumirem neste ambiente específico, a diversão adquiriu a maior proporção de indicadores – e.g. “ (...) *há muita gente que precisa da droga para conseguir curtir a noite!*” -, seguida da fuga aos problemas – e.g. “ (...) *acho que andamos todos deprimidos, e queremos afastar o tédio! As saídas a noite acabam por ser uma espécie de catarse dos problemas da semana (...)*” -, grupo de pares – e.g. “*Há gente que consome na noite porque o amigo consome*”-, moda – e.g. “*Não é a música, não é o ambiente, não tem nada a ver com as casas...é a moda! É giro, é uma coisa gira!*” -, música – e.g. “*A associação do estilo musical à substância não é de hoje...alguém terá descoberto isto antes de mim...não é de agora!*”- e prazer – e.g. “ (...) *para intensificar sensações (...)*” -, tendo sido menos cotadas as motivações tendentes à ambiência social e à afirmação. Na subcategoria “Outros” foram diversificadas as motivações de consumo, passando pela desinibição, risco, maior rentabilidade profissional, deficiente educação e acessibilidade e disponibilidade das substâncias.

### III. 3. Drogas recreativas ilícitas e características dos consumidores

	Categoria	Subcategoria 1	Subcategoria 2	Frequência	N	
Drogas recreativas e características dos consumidores	Substâncias prevalentes	Canabinóides		10	7	
		Cocaína		8	7	
		Sintéticos		4	3	
	Faixa etária dos consumidores	« 25			9	7
		25 – 35			2	2
		» 35			1	1
		Indiferenciado			1	1
	Características dos consumidores	Psicológicas		Tendência para o conflito	1	1
				Sugestionabilidade	2	2
				Tranquilidade	1	1
				Défices cognitivos	2	1
		Físicas	Visual	1	1	
			Particularidades fisionómicas/maneirismos	3	2	
	Padrão de uso	Circunscrito à noite			7	6
		Amplificado			7	7

**Tabela 5.** Grelha sintética de análise de conteúdo - Drogas recreativas e características dos consumidores

As substâncias mais prevalentes em contexto recreativo apontadas pelos PON foram os canabinóides (haxixe, erva, chámon, charro...), seguidos da cocaína e sintéticos. Foi observado o consumo de cocaína em 2 dos estabelecimentos nocturnos balizados para o estudo, e o consumo de canabinóides em outros 2 (Anexo II).

Os consumidores situam-se, segundo a percepção da amostra, numa faixa etária singular - «25 anos, mas os profissionais também referem, embora com menor evidência, consumos de indivíduos situados no intervalo de idades entre os 25 e os 35 anos, e mesmo na extensão dos 35 anos. Uma pequena parcela considera a faixa etária dos usuários indiferenciada.

No que concerne às características evidenciadas por este tipo de consumidores, as de cariz psicológico, em contraponto às de cariz físico, angariaram maior cotação. As características psicológicas mais aludidas foram a sugestionabilidade – e.g. *“São pessoas facilmente influenciáveis. Observam os seus ídolos, fazem associações com o que vêem na televisão, imitam...Se eles consomem drogas, copiam!”*- e os défices cognitivos – e.g. *“falta de raciocínio”*-, sobrevivendo igualmente, mas com menos ênfase, traços como a tendência para o conflito – e.g. *“Daquilo que constato, posso afirmar que muitas vezes são os grupos que consomem drogas (...) aqueles que mais facilmente provocam e arranjam complicações”* – e, em oposição, a tranquilidade – e.g. *“São calminhos, estão sempre bem, não se passa nada”*. Por sua vez, as características físicas manifestas passaram, maioritariamente, pelas particularidades fisionómicas/motoras – e.g. *“Parecem zombies”;**“Se forem adeptos da branca estão sempre a coçar o nariz ou a puxar em seco”*- e, consecutivamente, pelo visual – e.g. *“Eu associo a cocaína aos chamados betos”*.

O padrão de uso circunscrito à noite foi notado – e.g. *“Há indivíduos que só consomem na noite”*, porém, uma equitativa parcela da amostra estendeu o consumo destes indivíduos a outros sistemas – e.g. *“(...) os contornos deste consumo, até então limitado à noite, podem tornar-se mais amplos”*.

### III. 4. Nível da experiência

	Categoria	Subcategoria	Frequência	N
Nível da experiência	Consumo pessoal	Presente	9	7
		Ausente	0	0
	Ocorrência do consumo na noite	Positivo	6	6
		Negativo	3	3
	Motivações de consumo	Desinibição	1	1
		Influência	4	4
		Curiosidade/novidade	5	5
		Diversão	2	2

**Tabela 6.** Grelha sintética de análise de conteúdo – Nível da experiência

Ao nível da experiência pessoal, o consumo de drogas esteve presente em todos os PON, apresentado a ocorrência uma relação vinculável à noite – e.g. *“Comecei a consumir drogas na noite (...)”*. Alguns profissionais dissociaram o acto de consumo do ambiente recreativo nocturno, atribuindo-o a outros contextos.

As motivações de consumo que emergiram foram, por ordem decrescente: a curiosidade/novidade – e.g. “*Queria perceber porque é que toda a gente ficava daquela maneira, depois de consumir. O facto de alguém contar uma anedota, todos se rirem, e eu não perceber onde estava a graça*”-, a influência de terceiros – e.g. “*(...) porque a páginas tantas, somos nós que somos diferentes, porque todos consomem...quer isoladamente, quer continuamente, mas todos consomem naquela situação. Não vou dizer que me sentia completamente à parte, mas quase*”-, a diversão – e.g. “*estava-mos lá para nos divertir*” - e o alcance de um estado de desinibição.

Nos registos de observação efectuados verificou-se o consumo de SPA, lícitas e ilícitas, pelo *staff*, em 3 dos 7 estabelecimentos nocturnos investigados (Anexo II).

### III. 5. Sensibilização social

	Categoria	Subcategoria 1	Subcategoria 2	Subcategoria 3	Frequência	N
Sensibilização social	Controlo do uso de SPA ilícitas na noite	Possível			3	3
		Impossível	Impraticabilidade		3	3
			Parceria dos PON		2	1
			Prejuízo dos estabelecimentos		3	2
	Conhecimento das intervenções realizadas nos estabelecimentos	Presente			6	6
		Ausente			1	1
	Envolvimento em intervenções nos estabelecimentos	Presente			1	1
		Ausente			6	6
	Avaliação do impacto das intervenções	Positivo			1	1
		Negativo			9	7
	Estratégias de implementação eficazes	Legalização			5	3
		Fiscalização Policial			3	2
		Controlo de segurança			1	1
		Campanhas de prevenção/RRMD			6	5
		Outros			1	1
	PON	Inculcamento de atitude pela direcção	Presente	Diversão	3	2
				Responsabilidade	11	6
Percepção de modelagem		Ausente		3	2	
				7	6	
			2	2		

**Tabela 7.** Grelha de análise de conteúdo – Sensibilização social

Dentro do tema de *Sensibilização social*, foi perceptível a ideia de impossibilidade dos PON face ao controlo do uso de SPA na noite. Tal avaliação negativa justifica-se através da

impraticabilidade das estratégias que visam travar o consumo – e.g.- *“Não há nada a fazer. Poque há drogras que uma pessoa pode ter, mesmo com controlo policial”/“Muito sinceramente...não se pode controlar. Isto tem a ver com mentalidades”-*, do prejuízo dos estabelecimentos – e.g. *“Alguém conhece negócio mais rentável, sobretudo na noite?”-*, e do próprio envolvimento dos PON no fenómeno – e.g. *“Há uma parceria muito grande entre a pessoa que consome/trafica e as pessoas da noite que estão a controlar supostamente essas entradas. Há ali um tachinho (...) para toda a gente”*. Ainda assim, para uma minoria dos profissionais, este controlo é factível.

Quando interrogada sobre o conhecimento das intervenções produzidas no âmbito recreativo, a resposta da amostra foi, essencialmente, positiva, embora o envolvimento desta em quaisquer intervenções, se tenha revelado, praticamente, inexistente. A apreciação do impacto social das mesmas foi referenciada, maioritariamente, como negativa, encontrando-se apenas um indicador que se posicionou, de modo favorável, a este respeito.

Como estratégias de implementação mais eficazes no contorno da problemática, foram citadas em maior escala, as campanhas de prevenção/ redução de riscos e minimização de danos- e.g. *“Acho que os bares e discotecas deveriam fazer uma noite livre de drogas”*. De seguida surgiu a legalização das drogas – e.g. *“Com a legalização, as drogas deixam de ser fruto proibido - , a fiscalização policial – e.g. “maior rigor e controle por parte das autoridades”-*, o controlo de segurança – e.g. *“Começaria por uma selecção de porta”-* e outras – e.g. *“A cooperação entre a família e a escola é importantíssima”*.

O inculcamento de uma atitude individualizada aos PON, por parte da direcção do estabelecimento, foi corroborado, envolvendo a referida, dimensões concretas como a responsabilidade (mais cotada) – e.g. *“Os empregados têm de encarar este trabalho profissionalmente (...) não são permitidos comportamentos menos próprios”-* e a diversão – e.g. *“ (...) só me pedem para sorrir e elevar os bracinhos (...) ”*. A inexistência de qualquer política laboral exigida aos PON, também foi expressa – e.g. *“À partida a gerência (...) confia em nós (...) Não vamos andar aqui a fazer de polícias uns dos outros”*.

Dos dados eduziu-se igualmente, a elevada noção que os PON têm de si enquanto modelos de referência para os indivíduos presentes no estabelecimento – e.g. *“Obviamente que se eu ficar alterado na noite, isso terá repercussões no cliente”-*, apesar de tal alvitre não ser unânime à amostra – e.g. *“Eu não tenho de ser um modelo de referência para ninguém, muito menos para o cliente”*.

Foram observados comportamentos desadequados em 2 estabelecimentos de diversão nocturnos (Anexo II).

### III.6. Álcool e lei

	Categoria	Subcategoria 1	Subcategoria 2	Frequência	N	
Álcool e lei	Relação jovens -álcool	Presente		9	7	
		Ausente		0	0	
	Consciencialização do risco de consumo	Presente		4	4	
		Ausente		3	3	
	Dificuldades no cumprimento dos trâmites legais	Desejabilidade social		4	4	
		Aparência errónea		3	3	
		Inexequibilidade		5	4	
		Prejuízo dos estabelecimentos		3	3	
	Avaliação do impacto do aumento da idade mínima legal para o consumo	Favorável		1	1	
		Desfavorável	Ausência de redução do consumo		8	7
			Prejuízo dos estabelecimentos		4	2

**Tabela 8.** Grelha sintética de análise de conteúdo – Álcool e lei

No tópico *Álcool e lei*, ficou evidente a relação presentânea entre os jovens e o álcool – e.g. *“Essa relação é absoluta. Todos os jovens que entram nesta casa consomem álcool”*. A investigação nos 7 estabelecimentos declarou um consumo impróprio da substância (Anexo II).

No que reporta à consciencialização do risco de consumo, um maior número de indicadores revelou a sua presença – e.g. *A informação que existe nas tvs, redes sociais, blogues, internet...é muita* -, mas esta é também apontada como quimérica – e.g. *“(...) não há claramente uma consciência dos malefícios do álcool”*.

Quando a questão se direcciona para os obstáculos sentidos no cumprimento da lei do álcool que proíbe a sua venda a menores de 16 anos, a inexequibilidade desta foi a dificuldade mais sonante – e.g. *“Penso que a falta de celeridade, a falta de aplicação e a sua real eficácia, leva e agrava o seu cumprimento”*. Sucederam-se a desejabilidade social – e.g. *“Pedir a identificação a alguém soa muito mal”*- e, no mesmo patamar, a aparência errónea dos jovens – e.g. *“(...) não sei o que é que os jovens comem em casa, porque aparece uma miúda de 14 anos e olho para ela e é um mulherão de 1,80 m, à qual nunca atribuiria essa idade”*- e o prejuízo dos estabelecimentos – e.g. *“A venda ilegal acontece! Porquê? Porque as casas têm de sobreviver”*.

A avaliação do impacto do aumento da idade mínima legal para o consumo de álcool foi anotada como desfavorável, por ausência efectiva de redução do consumo – e.g. *“não vejo diferenças (...) “não é o facto de proibirem, que vai fazer com que o menor de idade deixe de consumir”*-, e prejuízo dos estabelecimentos – e.g. *“Vejo um panorama muito negro para as casas da noite, porque os jovens é que saem, é que gostam de se divertir, e são eles que consomem álcool”*.

Somente um indicador se remeteu a uma avaliação favorável desta possível transmutação legislativa – e.g. “*Se com isto vão ficar mais conscientes? Talvez*”.

#### IV. 7. Perspectiva futura

Perspectiva futura	Categoria	Subcategoria 1	Subcategoria 2	Frequência	N
	Isenção do consumo na noite	Álcool	Possível		0
Impossível				6	5
SPA Ilícitas		Possível		8	6
		Impossível		3	3

**Tabela 9.** Grelha sintética de análise de conteúdo – Perspectiva futura

Na dimensão atendente à *Perspectiva futura*, a isenção de consumo de substâncias na noite foi encarada como irrealizável, no caso do álcool – e.g. “*Sem álcool nunca vai ser possível...achas que eles vão beber água?*”, sendo exequível, para a maior parte da amostra, quando as substâncias centrais são as drogas ilícitas – e.g. “*Se a diversão pode ocorrer sem drogas? Sem dúvida que sim*”.

### CAPÍTULO IV. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Finda a divulgação dos resultados procura-se debater/interpretar, neste segmento, os dados obtidos através do amparo bibliográfico, estabelecendo-se um elo lógico com as questões da investigação.

#### IV.1. Relação Drogas - noite

Uma das finalidades deste estudo não era atestar a agremiação das SPA à noite, pois é extensa a bibliografia no domínio (e.g. OEDT, 2010). O que se pretendia era perceber se os profissionais da noite tinham, enquanto grupo privilegiado de proximidade com os clientes, percepção de tal facto.

Os dados obtidos através da análise das entrevistas não apresentam dúvidas no que reporta a esta evidência, tendo os PON referido, inequivocamente, a presença de SPA no CR noctívago.

A evolução do consumo de SPA na noite foi maioritariamente apontada como crescente, embora uma parte da amostra tivesse referido um decréscimo especificamente direccionado para as substâncias sintéticas e cannabis. Esta última foi cientificada como a substância com mais ingente taxa de prevalência no país (OEDT, 2010), mas dado que em recintos fechados, como são por norma os estabelecimentos de diversão nocturna, o consumo do produto se torna excessivamente evidente devido ao seu odor particular, a lógica de exposição deste juízo, não nos parece incauta – e.g. “*Fumar charrada dentro de um estabelecimento não dá, deixa cheiro!*”

*Não se pode fumar lá dentro!*". Já as substâncias sintéticas, de acordo com os resultados, têm abrangido em termos de consumo, apesar de continuarem a ser alistadas a este tipo de contexto (e.g. Ramsay et al., 2001; Balsa, Vital, Urbano & Pasmeiro, 2008; OEDT, 2010).

Na óptica da amostra, a *diversão* facilitada pelas SPA, é a motivação de consumo capital. Segue-se a *fuga aos problemas*, o que alerta para o uso de substâncias enquanto "anestesiante" quotidiano, através do qual se regulam os estados emocionais desagradáveis, se esquecem os problemas e se procuram soluções mágicas para o término dos mesmos (Wills et al., 1995; 1996). A aplicação de tal estratégia, não obstante, incrementa o stress e aumenta a probabilidade de ocorrência de novo consumo (Silva, Malbergier, Stempluk & Andrade, 2006), o que se torna socialmente inquietante. A pressão, directa ou indirecta, exercida pelo grupo de pares (e.g. Asch, Palmqvist & Santavirta, 2006; Sanchez - Samper & Knight, 2009), também aqui manifesta de forma significativa, reforça a necessidade de selecção das amizades/ *peer cluster* e a urgência de aprendizagem de estratégias de resistência ao rompante experimental, que sendo positivo, origina uma maior propensão para o consumo regular. A música, a ambiência social, a moda e o prazer foram igualmente nomeados, não se verificando novas informações no que, até então, cientificamente se redigiu, em menção ao tema (e.g. Scholey et al., 2004). A adrenalina oferecida pelo risco, o estado de espírito no momento, a acessibilidade e disponibilidade dos produtos e a aquisição de um certo nível de desinibição, por exemplo sexual, podem complanar - se ao raciocínio analógico literário das motivações acima descritas (e.g. D'Amico & McCarthy, 2006; Lomba, Apostolo, Loureiro, Graveto, Silva & Mendes, 2008). Uma árida educação foi também acusada como motivação para o uso de estupefacientes, embora consideremos a mesma, não como uma causa de consumo, antes como um factor de risco susceptível de uso ou abuso de substâncias (Simões, 2005). A educação nem sempre consegue ser verdadeira educação, pelo que a vida de alguns jovens, sendo aborrecida, conduz a uma subordinação ao consumo - não lhes foi ensinado a jogar com a imaginação, a desfrutar de um bom livro, a sentir o prazer da pintura, do teatro, das artes, a encontrar-se e a descobrir a natureza, a desenvolver-se mediante o desporto; não se lhes fez ver o valor da amizade, mas a apatia do gregarismo, não foram formados na capacidade crítica mas no consumismo precoce que os torna dependentes, convertendo-se em jovens cuja vida já é obsoleta e que têm por horizonte a fuga de si mesmos todos os fins-de-semana (Urra, 2007). Como travão à propagação deste estilo de vida, a emergência de novas formas de diversão e gestão dos tempos - livres é substancial.

## IV.2. Drogas recreativas ilícitas e características dos consumidores

A eminente projecção da cocaína (OEDT, 2010) está presente no discurso dos participantes. É, contudo, aqui especulado que o consumo da mesma se limita a um grupo restrito, que apresenta elevado poder de compra, regra geral a faixa etária mais velha. Esta foi citada no discurso dos PON e observado o seu uso directo nos estabelecimentos, quer pelos clientes quer pelos profissionais. Este uso encontra algum “conforto” de sinalização de pessoal, porque *“é aquela droga que se consome de forma subtil, e que não provoca os efeitos notórios de um haxixe”*; é utilizada, não raras vezes, quando em doses moderadas, para manter o estado de alerta e trabalhar longos períodos, o que poderá explicar, identicamente, o respectivo uso pelos PON, para *“aguentar”* o mais possível a noite -*“Estou numa casa em que quase todo o staff puxa branca”*. Também o conhecido bem-estar que faculta encontra terreno fértil no contexto em questão, onde estar “alegre” é um ditame laboral – e.g. *“A política que é incutida ao staff é a de tentar animar ao máximo os clientes”*. Sem similar projecção, mas ainda assim num primeiro nível, são indicados os canabinóides, que devido ao seu diminuto custo podem ser adquiridos por todo o indivíduo mais ou menos abonado financeiramente. Em última instância são mencionadas as substâncias sintéticas ligadas ao som – e.g. *“Uma grande noite, com um grande disc jockey poderá implicar uso de anfetaminas, ecstasy”*- fundamentando-se esta relativa predominância, com o baixo custo das mesmas – e.g. *“as anfetaminas são também muito vulgares, pois estão bastante acessíveis em termos monetários”*.

Relativamente à faixa etária dos consumidores foi-nos possível constatar um padrão preliminar de consumo – indivíduos menores de 25. Foram indicados outros intervalos concretos, porque a questão da entrevista assim foi formulada, porém cremos que tudo depende da substância em si, do indivíduo e do factor económico, como aliás já supradito atrás.

Este padrão de uso pode cingir-se à noite/ espaço recreativo (ocorrência pontual ou sistemática), contudo quem o faz não tem qualquer percepção de si como sujeito dependente, considerando sempre estar na posse de um total controlo de situação, sendo este pensamento partilhado comunitariamente (Quintas, 2006) – e.g. *“Estes consumidores ditos da noite não estão imersos numa toxicodependência, em que a vida é, única e exclusivamente, um consumo. Nenhum agarrado saí à noite, por normalidade...os agarrados são aqueles que ficam à porta a estacionar os carros, com todo o respeito”*. As estratégias clínicas de tratamento no caso do consumo excessivo, por exemplo, de cannabis e pastilhas, não existem, uma vez que esta situação não é encarada como um problema (Urta, 2007). Excepto quando o uso de SPA se dilata e o ajustamento global do sujeito é prejudicado por esta prática, é que se encara a situação de uma forma desigual.

Os consumidores recreativos não apresentam traços que permitem uma identificação imediata, contudo determinadas características físicas, como as pupilas dilatadas – efeitos do uso -, ou certos caracteres psicológicos como a sugestibilidade - cuja leitura se pode fazer no sentido da existência de um défice de estratégias de contraposição à pressão de consumo - e a tendência para o conflito (Matos & Carvalhosa, 2011), parecem, de acordo com a discursiva dos PON, existir. Na literatura a existência de problemas mentais e de uma estrutura psicopatológica são assinalados como fortes factores de predisposição para o uso de SPA (Urra. 2007).

### **IV.3. Nível da Experiência**

Sendo o consumo de substâncias vulgar, praticamente um ícone de legitimação juvenil, não é de surpreender a afirmação totalista da amostra no que toca ao uso pessoal de SPA ilícitas, e ainda menos a conexão deste consumo à noite (e.g. Sanders, 2006). Há situações em que este consumo em meio festivo não é consentido pelo usuário – e.g. *“consumi sem saber na bebida, agora nunca deixo o copo em lado nenhum”*, o que preconiza uma vigilância redobrada, dos clientes e profissionais, no recinto.

A influência do grupo de pares, a curiosidade e a diversão, já muito sustentadas a nível teórico, foram, à semelhança do que se observou no caso dos indivíduos consumidores recreativos, as motivações de base no consumo dos PON.

### **IV.4. Sensibilização social**

A querela mundial em torno de políticas estratégicas que reduzam o consumo de SPA na noite é sabida.

Este fenómeno é, segundo os agentes de socialização deste estudo, impossível de contornar, devido à impraticabilidade das tácticas concebidas para o efeito. A par disto, surge o prejuízo económico dos proprietários das casas nocturnas que, proibindo o consumo, limitam o número de clientes. Ligado a este último vector sobrevém a parceria dos PON no facilitismo de entrada de estupefacientes no recinto em prol de benefícios próprios (Morris, 1998) – e.g. angariação de quantias monetárias avultadas.

No que toca às intervenções fica elucidado que os PON possuem conhecimento sobre os programas que são desenvolvidos no âmbito do seu trabalho, ainda assim o envolvimento nos mesmos é quase nulo, supõe-se, pelo que fora explicado atrás: percepção negativa de possibilidade de controlo do uso e redução da clientela, logo, da facturação semanal – e.g. *“A minha casa não pode ser diferente, as pessoas iriam a priori formular o juízo...ui, que lugar é este? Quero enche-la (...) e esse tipo de iniciativa poderá afastar clientes”*. Aduz-se o impacto negativo que os PON atribuem a este tipo de intervenções, onde alertar para o perigo de uso ou

censurar o consumo, apenas afila o ímpeto de ocorrência – e.g. *“acho que não funciona...aguça a vontade de pisar o risco”*.

O que não deixa de ser curioso é o facto das campanhas de prevenção e RRMD terem sido apontadas como apresentado maior índice de eficácia no despacho do problema. Isto poderá ser explicado pela importância que os PON atribuem à inoculação da erudição ao redor do consumo de estupefacientes – e.g. *“(...) intensificar as consequências do uso é sempre louvável”*. Sendo um facto público, mais do que trabalhar para a abstinência, é mais pragmático e proveitoso tentar reduzir os potenciais danos do consumo (Cruz & Machado, 2010). O que se denota é que este tipo de iniciativas seria mais profícuo se a legalização de drogas fosse uma realidade no país. Deste modo, o indivíduo informado por este tipo de campanhas teria o livre arbítrio de optar por usar ou não o produto, sem a sensação de estar a infringir a lei, comprometendo-se a viver as consequências do acto. Alertar para os efeitos, e deixar a responsabilidade do futuro ao encargo do próprio, sem a barreira penal, é uma posição aqui historiada.

A fiscalização policial foi também referenciada como sendo favorável (Calafat et al., 2004 a), o que teria de se modificar era a frequência de actuação da mesma e um maior rigor na execução de penas.

O controlo de segurança (Webster, 2008) foi de igual modo notificado, mas com menos ênfase, o que poderá justificar-se pelas ideias de desejabilidade sociais vigentes e, em tempos de crise, de rejeição de clientes.

A cooperação entre a escola e a família foi outra via de resolução enumerada. A temática das drogas é introduzida nos programas curriculares educativos. Como é na escola que os jovens passam a maior fracção do tempo, o acompanhamento/monitorização dos pais, por questões de ocupação laboral, pode nem sempre ser o desejável. Uma articulação estreita entre os dois sistemas poderá revelar-se uma mais-valia, funcionando como factor protector (e.g. Nation & Helfinger, 2006; Calmeiro & Matos, 2005).

Uma outra directriz deste estudo está relacionada com a difusão de uma atitude específica aos PON. Esta foi corroborada, sendo os aspectos reivindicados, a responsabilidade e a diversão, ambos imbuídos à imagem do clube. Mostrar empatia para com o cliente parece-nos válido, mas sempre com responsabilidade perante a função que se preenche.

A possível modelagem de comportamentos impróprios dos PON pela clientela foi indicada, o que demonstra a percepção dos mesmos face à necessidade de adopção de uma postura particular sensata, sem passagem de dissonância cognitiva. Se os PON oferecerem um espectro de atitudes consonante com o consumo de drogas, favorecendo-o e legitimando-o, poderá conjecturar-se uma replicação de comportamentos – aprendizagem vicariante (Bandura, 1977;

Calafat et al., 2008 b) - por parte dos jovens frequentadores destes espaços, criando-se, assim, a ilusão de que não é factível a diversão sem o uso ou abuso de estupefacientes. Sabe-se que ao estimarmos uma conduta problemática, a frequência e incidência dessa conduta tende a aumentar, já quando se subestimam condutas mais saudáveis e pro-sociais, há um decréscimo atitudinal das mesmas (Berkowit, 2004 cit. in Calafat et al., 2008 b).

Os PON parecem ter consciência desse aspecto, todavia, nos registos de observação efectuados o comportamento que evidenciamos foi, em determinados momentos, oposto, o que apela a uma cogitação. Os PON podem ter noção das funções que lhe são fixadas, mas ainda assim podem cometer excessos, o que na ausência de repreensões, poderá dar origem a comportamentos – padrão que, porque bem aceites pelo público, acabam por ser tolerados pela gerência – ascensão do negócio.

#### **IV.5. Álcool e lei**

A existência de uma relação entre os jovens e o álcool é irrefutável, e os dados recolhidos reforçam a revelação da mesma – e.g. “*Se formos para o campo do álcool a noite está podre*”. Esta associação torna-se preocupante, na medida em que o álcool se assume, hodiernamente, como indissociável da diversão, sendo a ebriedade aceite de forma natural. Depois, como “ (...) *cada vez mais cedo se sai para a noite (...) cada vez mais cedo se consome*”, o que engrandece os custos de saúde pública, patenteando-se a premência insuprível de actuação das autoridades sanitárias.

Os jovens parecem estar informados sobre os riscos de consumo, aliás níveis mais elevados de educação, que pressupõem níveis mais elevados de conhecimento, relacionam-se com uma maior frequência de consumo de álcool (Marques - Vidal, 2005). Os excessos cometidos poderão estar, então, associados à supremacia das expectativas positivas do uso de álcool (e.g. lógica de desenvolvimento de habilidades) e à legalização da substância, não sentindo o adolescente, o fardo de estar a cometer uma transgressão. Há uma explícita indiferença face ao risco, focando-se os objectivos nos ganhos imediatos (Melo, 2007). O facto de ser “moda” consumir em determinada idade e em determinado contexto tem, similarmente, um peso considerável na hora de ingestão da substância.

As dificuldades no cumprimento dos trâmites legais abarcam a impraticabilidade da lei, aspectos de desejabilidade social e a aparência errónea dos clientes. A ausência de pedido de documento de identificação e, por isso, a impotência de controlo do que cada jovem ingere no recinto tornam a lei actual inviável (Mendes, 2009). O prejuízo dos estabelecimentos surge, igualmente,

associado à execução da lei - querendo os proprietários “encher” os estabelecimentos, esta política detona o negócio.

O aumento da idade mínima legal para o consumo de álcool foi praticamente percebida como desfavorável, quer porque a redução de consumo, segundo os PON, não se efectivará (discursos sociais favorecedores do produto), quer porque comportará decréscimos de capital para o estabelecimento – e.g. *“Vejo um panorama muito negro para as casas da noite, porque os jovens é que saem, é que gostam de se divertir, e são eles que consomem álcool”*.

#### **IV.6. Perspectiva futura**

Gozando o álcool de um estatuto socializador positivo (e.g. Cabral, Farate & Duarte, 2007), ainda mais consolidado no meio festivo, a equação de um futuro próximo sem a sua presença revela-se, para os profissionais, fantasiosa. Prorrogando a questão a outras SPA (ilícitas) a resposta foi mais reconfortante, considerando os PON a possibilidade de existência de recreação nocturna sem as ditas.

Não querendo incorrer no risco de redundância, este facto explana-se com o estatuto de conotação social, familiar, económica, cultural, antropológica e penal positiva atribuída ao álcool, fortificada pelo contexto – “beber à saúde”, que continua a ser um meio para o indivíduo se integrar na sociedade (Urra, 2007). Nos outros casos, o protótipo de “produto ilegal” que envolve um maior secretismo no consumo – preservação da imagem social e evitamento do estigma -, poderá ser mais facilmente dissolvido do espaço noctívago.

### **CAPÍTULO V. CONCLUSÃO**

Esta investigação não possibilita uma ampliação “segura” dos resultados, uma vez que não se trata de uma amostra nacional expressiva dos PON. Também o facto de a investigadora ser um elemento principiante, com todas as resistências inerentes a esta condição, e essencialmente, o facto de não existirem resultados nativos sobre as questões do estudo, que permitam uma interpretação mais sustentada pelo termo de comparação, se anunciam como limitações válidas. Porém, na nossa perspectiva, esta pesquisa tem a vantagem de estimular um debate mais complexo sobre as múltiplas facetas desta problemática, e quiçá apadrinhar o desenvolvimento de intervenções que conferem aos PON um lugar de destaque, uma vez que o seu posicionamento fica neste estudo demarcado.

O diagnóstico certo é que temos uma sociedade convalescente que quebrou o apotegma latino - “A saúde pública é a suprema lei” -, pelo que há urgência em conquistar parâmetros de reflexão e dar a volta ao forro da realidade (Urra, 2007). A inclusão peremptória no campo dos

PON é uma conduta incontestavelmente fecunda.

Como resposta à questão de investigação referente às percepções sobre o consumo recreativo, pelos PON, enumeramos as principais conclusões alcançadas: 1) os PON sustentam a existência de uma relação entre as drogas e a noite; 2) o acréscimo do consumo ao longo dos tempos foi a ideia exteriorizada; 3) as motivações de consumo dos frequentadores de espaços nocturnos prendem-se, maioritariamente, na óptica dos profissionais, com a diversão, a fuga aos problemas e a influência do grupo de pares; 4) os canabinóides foram referidos como a droga mais consumida no CR nocturno, seguida da cocaína e substâncias sintéticas (e.g. anfetaminas); 5) os jovens menores de 25 foram apontados, pelos PON, como sendo os principais consumidores de SPA ilícitas na noite; 6) características psicológicas, como a sugestibilidade, a tendência para o conflito e a placidez, bem como características físicas, associadas ao visual/estilo e a certos maneirismos e especificidades orgânicas (provocadas pelo uso), foram mencionadas pelos PON, como estando presentes nos indivíduos consumidores; 7) o padrão de consumo circunscrito à noite foi complanado ao padrão de consumo diurno e nocturno; 8) todos os profissionais referiram ter consumido SPA ilícitas, motivados pela curiosidade, influência do grupo de pares, diversão e desinibição, tendo a ocorrência, essencialmente, uma relação directa com o meio festivo nocturno; 9) o controlo do uso de SPA ilícitas na noite foi referenciado, maioritariamente, como impossível, devido à impraticabilidade das estratégias usadas; 10) praticamente todos os PON têm conhecimento das intervenções que visam prevenir e cercear os danos do consumo de drogas em CR, mas o envolvimento destes elementos nas intervenções é quase inexistente. Estas são avaliadas negativamente, em termos de real eficiência, pelos PON; 11) as estratégias mais eficazes para reduzir o consumo na noite foram, ainda assim, por esta ordem: as campanhas de prevenção e RRMD, a legalização dos produtos, a fiscalização policial, o controlo de segurança e a coadjuvação escola – família; 12) os PON têm consciência do seu papel enquanto modelos de referência para os clientes, sendo-lhes inculcada pelos superiores, uma atitude de responsabilidade e diversão no trabalho, nem sempre consumada; 13) a associação dos jovens ao álcool, para os PON, é “total”, mas estes consideram que os mesmos são providos de consciencialização suficiente face aos malefícios da substância; 14) a permissão do consumo de álcool a indivíduos com idade igual ou superior a 18 anos é encarada maioritariamente como adversa, quando o objectivo é a redução do consumo da substância; 15) o actual Decreto-lei nº9, de 24 de Janeiro de 2002, encontra dificuldades de cumprimento devido a situações de deseabilidade social reinantes, a questões de aparência “distorcida” (que seriam eliminadas com a aniquilação das primeiras) e à sua inexecutabilidade e; 16) os PON não concebem o futuro da “noite”, sem a presença do álcool, podendo considerá-lo

no caso de SPA ilícitas.

No tocante à relação existente entre os interesses económicos e o consumo recreativo – outra questão levantada -, importa referenciar que a preponderância do factor monetário, na hora de se fazer cumprir a lei (“barrar” clientes) é clara. Os PON têm conhecimento das legislações vigentes, porém por inexecutabilidade e impraticabilidade das mesmas, aliadas, supomos, à fraca fiscalização no país, estas nem sempre se cumprem, prevalecendo a rentabilidade do estabelecimento e/ou a aquisição, para alguns elementos isolados do *staff*, de inúmeros benefícios pessoais.

Acreditamos, apesar do aludido, que os PON possuem uma certa sensibilidade para a problemática social de consumo de drogas em CR, e que estão abertos a possíveis intervenções e colaborações com entidades públicas, sobretudo se as mesmas se estenderem a todos os recintos de diversão nocturna, de forma a não tornar esta acção “despropositada” para os clientes, e “penosa” para os estabelecimentos – conciliação da actividade profissional à promoção de uma abordagem nacional de saúde pública. De qualquer forma, como o consumo, no momento, está por demais enraizado na noite, os PON conferem-lhe uma certa normatividade, o que perfilha também algum desleixo, cremos, na postura pessoal reproduzida – consumo próprio em horário laboral e parca inquietação com a problemática.

A nossa sociedade não é um paraíso que se quer perder, antes um inferno de que se quer alhear. Talvez por isso muitos indivíduos confundam as histórias de faz-de-conta com a realidade vista através de uma substância. É desta perda de fantasia que se constrói o banal (Melo, 2007). Uma vez instituído, esbate-lo, ainda que imaginável, torna-se uma tarefa escarpada!

## Referências Bibliográficas:

- Antunes, M. (1998). *Os jovens e o consumo de bebidas alcoólicas*. Referência. Coimbra: nº1.
- Balsa, C., Vital, C., Urbano, C., & Pasmeyro, L. (2008). *II Inquérito Nacional ao Consumo de Substâncias Psicoactivas na população geral, Portugal 2007*. Lisboa: Instituto da Droga e Toxicodpendência, I.P.
- Bandura, A. (1977). *Social learning theory*. Englewood Cliffs, N.J: Prentice Hall.
- Bardin, L. (1979). *Análise de Conteúdo*.Lisboa: Edições 70.
- Becõna, E.(1999). *Bases teóricas que sustentem los programas de prevencion de drogas*.Madrid: Plan Nacional sobre drogas.
- Becõna, E. (2002). *Bases científicas de la prevencion de las drogodependencias*. Madrid: Plan Nacional sobre drogas.
- Bellis, M. & Hughes, K. (2003). Consumo recreativo de drogas y reduccion de danos en la vida nocturna global. *Adicciones*, 15 (2), 289-309.
- Bellis, M. & Hughes, K. (2004). Pociones sexuales. Relacion entre alcohol, drogas y sexo. *Adicciones*, 16 (4).
- Bellis, M; Hughes, K., & Lowey, H. (2002).Healthy nightclubs and recreational substance use. From a harm minimization to a healthy settings approach. *Addictive Behaviors*, 27, 1025-1035.
- Binks, S., Hoskins, R. Salmon, D. & Benger, J. (2005). Prevalence and Healthcare Burden of Illegal Drug Use Amongst Emergency Department Patients. *Emergency Medicine Journal*, 22, 872 -874.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação. Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Colecção Ciências da Educação. Porto: Porto Editora.

- Borges, L. et al. (1993). Os adolescentes e o álcool. *Revista da Sociedade Portuguesa de Alcoologia*, ISSN, 2 (1).
- Boutin, G. et al. (1990). *Investigação Qualitativa – Fundamentos e Práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Brukner, P. (2002). *La euforia Perpetua. Sobre el deber de ser feliz*. Barcelona: Tusquets.
- Cabral, L. R. (2004). *Alcoolismo juvenil* [em linha]. Disponível em: [http:// www.ipv.pt](http://www.ipv.pt) [consultado em 20/10/2010].
- Calado, V.G. (2006). *“Drogas Sintéticas. Mundos Culturais, Música Trance e Ciberespaço”*. Lisboa: IDT.
- Calafat, A. (2008 a). *Dependências* [em linha]. Disponível em: [http:// www.min-saude.pt/NR/rdonlyres/...F77F.../DEPendencias\\_JANEIRO.pdf](http://www.min-saude.pt/NR/rdonlyres/...F77F.../DEPendencias_JANEIRO.pdf) [consultado em 21/04/10].
- Calafat, A., Bohrn, K., Juan, M., Kokkevi, A., Maalsté, N., Mendes, F., Palmer, A., Sherlock, K., Simon, J., Stocco, P., Sureda, P., Tossman, P., Van de Wijngaart, G. & Zavatti, P. (1999). *Nightlife in Europe and recreative drug use*: Sonar 98. Palma de Maiorca: Irefrea.
- Calafat, A., Fernández, C., Becõna, E., Gil, E., Juan, M. & Torres, M.A. (2000 a). *Consumo y consumidores de cannabis en la vida recreativa*. Palma de Maiorca: Irefrea.
- Calafat, A., Fernández, C., Juan, M., Antilla, A.H., Arias, R., Bellis, M.A., Bohrn, K., Fenk, R.H., Hughes, K., Kersch, A.V., Kokkevi, A., Kuusaari, K., Leenders, F., Mendes, F., Simon, J., Spyropoulou, M., Van de Wijngaart, G. & Zavatti, P. (2003). *Enjoying the nightlife in Europe. The role of moderation*. Palma de Maiorca. Irefrea.
- Calafat, A., Fernández, C., Juan, M., Antilla, A., Bellis, M.A., Fenk, R., Hughes, K., Kersch, A.V., Kokkevi, A., Kuusaari, K., Leenders, F., Mendes, F., Siamou, I., Simon, J., Van de Wijngaart, G. & Zavatti, P. (2004 a). *Cultural mediators in a hegemonic Nightlife*. Palma de Maiorca: Irefrea.
- Calafat, A., Fernández, C., Juan, M. & Becõna, E. (2005). *Como el propio consumo de drogas de los mediadores recreativos tiene implicaciones preventivas*. Palma de Maiorca: Irefrea.

- Calafat, A., Fernández, C., Juan, M., Becõna, E. & Gil, E. (2004 b). *La diversion sin drogas: utopia y realidad*. Palma de Maiorca: Irefrea.
- Calafat, A., Fernández, C., Juan, M., Bellis, M.A., Bohrn, K., Hakkarainen, P., Kilfoyle – Carrington, M. , Kokkevi, A., Maalsté, N., Mendes, F., Siamou, , I., Simon, J., Stocco, P. & Zavatti, P. (2001). *Risk and Crontrol in the recreational drug culture*: Sonar 98. Palma de Miorca: Irefrea.
- Calafat, A., Juan, M., Becõna, E. & Fernández, C. (2008 b). *Mediadores recreativos y drogas- Nueva area para la prevencion*.Palma de Maiorca: Irefrea.
- Calafat, A., Juan, M., Becõna, E., Fernández, C., Gil Carmena, E., Palmer, A., Sureda, P. & Torres, M.A. (2000 b). *Salir de marcha y consumo de drogas*. Madrid: Delegacion del Gobierno para el Plan Nacional sobre Drogas.
- Calafat, A., Juan, M., & Duch, M.A. (2009). Preventing interventions in nightlife: a review. *Adicciones*, 21 (4), 387-414.
- Calafat, A., Mantecón, A., Juan, M., Adrover -Roig, D., Blay, N. & Rosal, F. (2011). Violent Behaviour, Drunkenness, Drug use, and Social Capital in Nightlife Contexts. *Psychosocial Intervention*, 20 (1), 45-51.
- Calafat, A., Stocco, P., Mendes, F., Simon, J., Van de Wijngaart, G., Sureda, P., Palmer, A., Maalsté, N. & Zavatti, P. (1998). *Characteristics and representation of ecstasy in Europe*. Palma de Maiorca: Irefrea.
- Calmeiro, L. & Matos, M. (2005). *Psicologia do Exercício e da Saúde*. Lisboa: Visão & Contextos.
- Carvalho, M.C. (2007). *Culturas juvenis e novos usos de drogas em meio festivo*. Porto: Campo das Letras.
- Castells, M. (2000). *La era de la information*.Madrid: Alianza.
- Chaves, M.A. (1998). Consumo de novas drogas: pontos de partida para uma investigação sociológica. *Toxicodependências*, 4 (2), 15-23.

Comas, D. (1996). No es oso todo lo que reduce? Que hace la juventud el fin de semana? *Revista de Estudios de Juventud*, 37, 11-19.

Cruz, O.S. & Machado, C. (2010). Consumo “não problemático” de drogas ilegais. *Toxicodependências*, 16 (2), 39-47.

D’Amico, E. & McCarthy, D. (2006). Escalation and inicioation of younger adolescent’s substance use: the impact of perceived peer use. *Journal of Adolescent Health*, 39, 481-487.

Dawson, D., Goldstein, R., Chou, P., Ruan, J., & Grant, B. (2008). Age of first drink and the first incidence of adult-onset DSM-IV alcohol use disorders. *Alcoholism, Clinical and Experimental Research*, 32 (12), 2149-2160.

Decreto Lei nº 9, de 24 de Janeiro de 2002.

Dianova (2009). Alterações desadaptativas e Perturbações relacionadas com o Álcool [em linha]. Disponível em: [http://www.dianova.pt/images/stories/publicacoes/exit/exit\\_19\\_perturbacoes\\_alcool.pdf](http://www.dianova.pt/images/stories/publicacoes/exit/exit_19_perturbacoes_alcool.pdf) [consultado em 07/02/2011].

ECATD/ESPAD (2011). Conferência de Imprensa para apresentação dos resultados do Estudo sobre o consumo de álcool, tabaco e drogas [em linha]. Disponível em: [http://www.idt.pt/PT/ComunicacaoSocial/ComunicadosImprensa/Documents/ECATD\\_ESPAD\\_Portugal\\_2011\\_ComImp.pdf](http://www.idt.pt/PT/ComunicacaoSocial/ComunicadosImprensa/Documents/ECATD_ESPAD_Portugal_2011_ComImp.pdf) [consultado em 07/11/2011].

Erasmic, T., & Lima, L. (1989). *Investigação e Projectos de Desenvolvimento em Educação*. Braga: Universidade do Minho.

ESPAD (2007). Consumo de substâncias entre os alunos de 35 países europeus [em linha]. Disponível em: <http://www.idt.pt/PT/Investigacao/Documents/sintese/ESPAD07.pdf> [consultado em 17/05/2010)].

Feijão, F. (2010). Epidemiologia do consumo de álcool entre adolescentes escolarizados a nível nacional

e nas diferentes regiões geográficas. *Toxicodependencias*, 16 (1), 29-46.

Ferreira, M., Matos, M.G., Pessoa, M., & Diniz, J.M (2007). Preferências Musicais e Culturais Juvenis e o Consumo de Substancias na Adolescência. In Matos, M.G. (Org.), *Consumo de substâncias: Estilo de vida? À procura de um estilo, Colecção Estudos – Universidades* (pp.233-256). Lisboa: IDT.

Ferreira, P.M (2009). *A sociabilidade nocturna juvenil - entre a festa e a viagem*. Universidade de Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.

Fonseca (2009). Bares não conseguem aplicar a lei do álcool [em linha]. Disponível em: [www.dn.pt](http://www.dn.pt) [consultado em 15/06/10].

Fountain, J., Bartlett, H. & Griffiths, P. (1999). Why say no? Reasons given by young people for not using drugs. *Addiction Research*, 7(4), 339-353.

Forsyth, A.J. (2009). Lages, lages shouting: the role music and Djs in nightclub disorders control. *Addiciones*, 21 (4), 327-345.

Gameiro, A. (1998). *Hábitos de Consumo de bebidas alcoólicas em Portugal - 1985,1991,1997*. [SI]: Editora Hospitalidade.

Garcia, J.B. (2009). Cocaína baja borracheras suben, en adolescentes de 14 a 18 años. *Socidroalcohol news*, 29, 10-12.

Gerhard, H. (2001). Party Drugs; Sociocultural and Individual Background and Risks [em linha]. Disponível em: [www.Bz-lberg.de/htmDokus/partydrugs.htm](http://www.Bz-lberg.de/htmDokus/partydrugs.htm) [consultado em 20/04/10].

Giddens, A. (2000). *Un mundo desbocado*. Madrid: Taurus.

Gil Calvo, E. (1996). La complicitad festiva: identidades grupales y cultos de fin de semana. *Revista de Estudios de Juventud*, 37, 27-43.

Gilbert, J & Pearson, E. (2003). *Cultura y políticas de la musica dance. Disco, hip-hop, techno, drum, n*

*bass y garage*. Barcelona: Paidós Communication.

Goetz, J.P., & LeCompte, M.D. (1984). *Ethnography and Qualitative Design in Educational Research*. Orlando: Academic Press, Inc.

Graham, K. et al. (2005). Guardians and handlers: the role of bar staff in preventing and managing aggression. *Addiction*, 100, 755 – 766.

Graham, K., Jelliey, J., & Purcell, J. (2005). Training bar staff in preventing and managing aggression in licensed premises. *Addictions*, 10, 48-61.

Green, A.M. (1997). *Des jeunes et des musiques. Rock, Rap, Techno....*Paris: L'Harmattan.

Gueguen, N., Jacob, C., Le Guellec H. et al. (2008). Sound level of environmental music and drinking behavior: a field experiment with beer drinkers. *Alcoholism: Clinical and Experimental Research*, 32(10), 1795-1798.

Hamel, J., Dufour, S., & Fortin, D. (1993). *Case Study Methods*. Newbury Park, CA: Sage Publications.

Hauora, M. (1999). *Guidelines for Safe- The Big Book*. New Zealand: Ministry of Health.

Henriques, S. (2002). *Novas drogas - risco cultivado*. Lisboa: CIES/IPDT.

Henriques, S. (2003). *O universo do ecstasy*. Azeitão: Autonomia 27.

Henriques, S.(2009). RSV- Práticas juvenis em contextos recreativos [em linha]. Disponível em: [www.ram2009.unsam.edu.ar](http://www.ram2009.unsam.edu.ar). [consultado em 20/04/11].

Hamel, R. & Clark, J.(1994). The prediction and prevention of violence in pubs and clubs. *Crime Prevention Studies*, 3, 1-46.

Hamel, R., Tomsen, S. & Thommeny, J. (1992). Public drinking and violence: not just on alcohol problem. *Journal of Drug Issues*, 22, 679-97.

- Hungler, B. & Polit, D. *Investigación Científica em Ciências de la Salud*. 2ªed. [S.l.]: Interamericana Mcgraw- Hill, 1985. ISBN 968-25-1070-8.
- Hunt, G., Moloney, M., & Evans, K. (2010). *Youth, drugs and nightlife*. New York: Routledge.
- Jarvin, M. (2007). *Vies Nocturnes: Sociabilité de Jeunes Adultes à Paris at à Stockholm*. Paris: L, Harmattan.
- Kemnesier, U. (2001). Consumo de drogas dentro del entorno “burgues”. Influencia del control social formal e informal. *Adicciones*, 13 (1), 101-110.
- Krippendorff, K. (1980). *Content Analysis: an introduction to its methodology*. Newbury Park: Sage.
- Kunzel, J., Kroger, C. & Buhringer, G. (1998). *Evaluation of the Mind Zone Prevention Project in: Ecstasy: use and prevention*. Cologne: Federal Centre for Health Education.
- Laville, C., & Dionne, J. (1999) *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artmed.
- Lomba, L., Apostolo, J., Loureiro, H., Graveto, J., Silva, M. & Mendes, F. (2008). Consumos e comportamentos sexuais de risco na noite de Coimbra. *Toxicodependências*, 14 (1), 31-41.
- Lomba, L; Apostolo, J., Mendes, F., & Campos, D.C. (2011). Jovens portugueses que frequentam ambientes recreativos nocturnos. Quem são e como se comportam. *Toxicodependencias*, 17 (1), 3-15.
- Magalhães, C., & Mendes, R. (2010). Estudo sobre a violência e outros comportamentos de risco entre jovens turistas – Como podemos prevenir? *Dependencias*, 11, 30-33.
- Malbon, B. (1999). *Clubbing; dancing, ecstasy and vitality*. London: Routledge.
- Marques – Vidal, P. (2005). Trends and determinants of alcohol consumption in Portugal. Results from National Health Surveys 1995 to 1996 and 1998 to 1999. *Alcoholism - Clinical and Experimental Research*, 29 (1), 89-97.

- Martin, L. (2001). *Alcohol, sex and gender in late medieval and modern Europe*. New York: Palgrave Macmillan.
- Matos, M.G. (2008). *Adolescências e seus contextos: o Estudo HBSC/OMS*. In M.G. Matos (Coord.). *Consumo de substâncias: estilo de vida? à procura de um estilo?*. Lisboa: Instituto da Droga e Toxicod dependência.
- Matos, M.G. & Carvalhosa, S.F. (2011). *Os jovens portugueses e o consumo de drogas*, 1 (2).
- Measham, F., Aldridge, J. & Parker, H. (2001). *Dancing on Drugs*. London: Free Association Booker.
- Melo, R. (2004). A cidade como cenário da prevenção. A cidade de cada um – convite para um passeio por lugares e não lugares. *Toxicod dependências*, 10 (2), 3-12
- Melo, R. (2007). Banalização do consumo de ecstasy- consequências para uma abordagem preventiva. *Toxicod dependências*, 13 (1), 29-42.
- Melo, R., Andrade, P., Sampaio, M. (2010). Intervenção em contexto festivo no Ensino Superior. *Toxicod dependências*, 16 (1), 15-28.
- Mendes, J.P. (2009). *Bares não conseguem aplicar a lei do álcool* [em linha]. Disponível em: [http://dn.sapo.pt/inicio/interior.aspx?Content\\_id=1149482](http://dn.sapo.pt/inicio/interior.aspx?Content_id=1149482) [consultado em 20/04/10].
- Mendes, F. (2007). Prevenir é alertar- A intervenção com utilizadores ocasionais de drogas recreativas [em linha]. Disponível em: <http://contenido.irefrea.org/ARCHIVOS/SA/Presentation%20Aveiro%20> (portugues). PPT [consultado em 20/04/10].
- Mendes, F. (2008). *Dependências* [em linha]. Disponível em: [http://www.min-saude.pt/NR/rdonlyres/...F77F.../DEPendencies\\_JANEIRO.pdf](http://www.min-saude.pt/NR/rdonlyres/...F77F.../DEPendencies_JANEIRO.pdf) [consultado em 21/04/10].
- Morris, S. (1998). *Clubs, drugs and doormen*. Crime Detection and Prevention Series, Paper86. London: Home Office Police Research Group.

- Mulder, J., Bogt, T., Raaijmakers, Q. & Vollebergh, W. (2007). Music task groups and problem behavior. *Journal of Youth and Adolescent*, 36, 313-324 .
- Naia, A., Simões, C. & Matos, M.G. (2007). *Consumo de Substâncias na Adolescência. Toxicodependências*, 13 (3), 23-27.
- Nation, M. & Helfinger, A. (2006). Risk factors for serious alcohol and drug use: the role of psychosocial variables in predicting the frequency of substance use among adolescents. *The American Journal of Drug and Alcohol Abuse*, 30 (18), 17-31.
- National Institute on Drug Abuse (2007). Drug-impaired driving by youth remains serious problem [em linha]. Disponível em: <http://www.nih.gov/news/pr/oct2007/nida-29.htm> [consultado em 10/06/2010].
- New Zealand Ministry of Health (1999). GUIDELINES FOR SAFE DANCE PARTIES: THE BIG BOOK. Wellington, New Zealand: New Zealand Ministry of Health.
- Observatório Europeu da Droga e da Toxicodependência. (2002). As drogas em destaque. O consumo recreativo de drogas - Um importante desafio na EU [em linha]. Disponível em: [www.emcdda.org](http://www.emcdda.org) [consultado em 20/04/10].
- Observatorio Europeu da Droga e Toxicodependência (2006). A evolução do fenómeno da droga na Europa [em linha]. Disponível em: [http://www.emcdda.europa.eu/attachements.cfm/att\\_37244\\_PT\\_ar2006-pt2.pdf](http://www.emcdda.europa.eu/attachements.cfm/att_37244_PT_ar2006-pt2.pdf) [consultado em 20/04/10].
- Observatório Europeu da Droga e da Toxicodependência. (2007). *Relatório anual 2007. Evolução do fenómeno da droga na Europa*. Luxemburgo: Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias.
- Observatório Europeu da Droga e Toxicodependência. (2010). Responder ao fenómeno droga. *Dependências*, 11, 16-17.

Oleanque, J.M. (2004). *En Extasi. Drogues, musica mákina i ball, Viatge a les entranyes de "la festa"*. Barcelona: Arallibres.

Organização das Nações Unidas.(2005). *World Youth Report 2005. Young people today, and in 2015.The World Programme of Action for Youth on Drug Abuse*. New York: United Nations Publication.

Organização Mundial de Saude. (2006). Facts for adolescents .A Contribution to achieving the Global Goals and Universal Access for Young People [em linha]. Disponível em: [http://www.afro.who.int/adh/documents/facts\\_for\\_adolescents.pdf](http://www.afro.who.int/adh/documents/facts_for_adolescents.pdf) [consultado em 17/06/10].

Osswald, W. (2001). Relatório e Parecer 34/CNEV/2001 sobre a Declaração de Helsínquia modificada em Edimburgo (Out 2000).

Palmqvist, R. & Santavirta, N. (2006). What friends are for: the relationships between body image, substance use and peer influence among finish adolescents. *Journal of Young and Adolescence*, 35 (2), 203-219.

Pascual, M. (2010). El alcohol y los jovenes. *Dependências*,3, 27.

Poirier, J. et al. (1999). *Histórias de Vida – Teoria e Prática* (2ªed.). Oeiras: Celta.

Quintas, J. (2006). *Regulação legal do consumo de drogas: impactos da experiência portuguesa da descriminalização*. Dissertação de Doutoramento em Criminologia publicada, Faculdade de Direito da Universidade do Porto.

Ramsay, M., Baker, P., Goulden, C., Sharp, C., & Sondhi, A. (2001). *Drug misuse declared in 2000: results from the British crime survey*. London: Home Office.

Release (1997).*Release drugs and dance survey: An insight into the culture*. London: Release.

Roberts, K., Dimsdale, J., East, P. & Friedman, L. (1998). Adolescent emotional response to music and its relationship to risk- talking behavior. *Journal of Adolescent Health*, 23, 49-54.

- Romani, O. (1999). *Las drogas: sueños e razones*. Barcelona: Ariel.
- Sanchez - Samper, X., & Knight, J.R. (2009). Drug abuse by adolescents: general considerations. *Pediatr Rev*, 30, 83-93.
- Sanders, B. (2006). *Drugs, clubs and young people: Sociological and Public Health Perspectives*. Aldershot: Ashgate.
- Santos, I.A. (1999). Alcoolismo na adolescência – que intervenção?. *Revista Nursing*. Lisboa, 12(136).
- Scholey, A. et al. (2004). Increased intensity of ecstasy and polydrug usage in the more experience recreational Ecstasy/MDMA users. *Addictive Behaviors*, 29, 743-752.
- Shapiro, H. (1999). *Waiting for the man: the story of drugs and popular music*. London: Helter Skeites Publishing.
- Silva, C.R., Gobbi, B.C., & Simão, A.A. (2005). O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa: descrição e aplicação do método. *Organ. Rurais Agroind*, 7 (1), 70-81.
- Silva, L., Malbergier, A., Stempluk, V. & Andrade, A. (2006). Factores associados ao consumo de álcool e drogas entre estudantes universitários. *Revista de Saúde Pública*, 40 (2), 280-288.
- Silva, V. (2005). Techno, House e Trance: uma incursão pelas culturas “dance music”. *Toxicoddependências*, 11 (3), 63-75.
- Silva, V. (2004). *Trance, house e techno – espiritualidade, sensualidade e energia*. Dissertação de Mestrado em Psicologia publicada, Faculdade de Psicologia do Porto.
- Simões, M.(2005). *Comportamentos de risco na adolescência*. Dissertação de Doutorado não publicada, Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa.
- Sissa, G. (2000). *El placer y el mal*. Barcelona: Península.
- Steinhauer, J. (2001). Club Owners Are Focus of Effort To Combat Drug Abuse. *New York Times*, April

28, p. A1, B2.

- Sumnall, H., Bellis, M.A., Hughes, K... (2010). A choice between fun or health? Relationships between nightlife substance use, happiness, and mental well-being. *Journal of substance use*, 15(2), 89-104.
- Urra, J. (2007). *O Pequeno Ditador - Da criança mimada ao adolescente agressivo*. Lisboa: A Esfera dos Livros.
- Verdú, V. (2003). *El estilo del mundo. La vida en el capitalismo de ficción*. Barcelona: Anagrama.
- Vieira (2011). Segurança Privada: parceiro fundamental na prevenção e sensibilização. *Dependências*, 1, 16-17.
- Villani, S. (2001). Impact of media on children and adolescents, A-10 year review, of the research. *Journal of the American Academy of the child and Adolescent Psychiatry*, 40.
- Webster, R. (2008). *Safer nightlife: best practice guide for those concerned about drug use and the night-time economy*. London: London Drug Police Forum/ Home Office.
- Werch, C. & Owen, D. (2002). Efectos iatrogenicos de los programas de prevention de alcohol y drogas. *Journal of Studies on Alcohol*, 63(5), 581-590.
- Willner, P., Hart, K & Binmore, J. (2000). Alcohol sales to underage adolescents: and unobtrusive observational field study and evaluation of a police intervention. *Addiction*, 95 (9), 1373-1388.
- Wills, T., DuHamel, K., & Vaccaro, D. (1995). Activity and mood temperament as predictor of adolescent substance use: Test of a self-regulation mediational model. *Journal of Personality Social Psychology*, 6, 901-916.
- Wills, T., McNamara, G., Vaccaro, D. & Hirky, A. (1996). Escalated substance use: A longitudinal grouping analysis from early to middle adolescence. *Journal of Abnormal Psychology*, 105, 166-180.

# Anexos

## **Anexo I. Guião da entrevista**

- Apresentação (esclarecimento aos inquiridos do âmbito da investigação e da confidencialidade e uso exclusivo do estudo para fins científicos)

- Dados socio-demográficos

- Idade

- Sexo

- Nacionalidade

- Habilitações literárias

- Ocupação

- Residência

- Questões:

### **A. Relação noite - drogas**

1. Pronuncie-se sobre a associação da noite as drogas.
2. Pronuncie-se sobre a correlação entre a noite e a evolução dos consumos
3. Consegue apontar possíveis razões implícitas a este consumo?
4. Como considera que poderia ser exercido controlo sobre o uso de SPA'S na noite?

### **B. Drogas recreativas e características dos consumidores**

1. Do conhecimento que possui, quais lhe parecem ser as substâncias mais consumidas na noite?
2. Qual a sua percepção relativamente a faixa etária destes consumidores?
3. E em termos de características pessoais? Acha que existem alguns comportamentos - padrão neste grupo de consumidores?

4.Quanto ao padrão de uso das substâncias, considera restringir-se “ à noite” ou pensa que este consumo adquire contornos mais amplos?

### **C. Nível da experiência**

1. Já consumiu drogas?
2. Qual a relação dessa experiência com a noite?
3. Quais foram as motivações de consumo?

### **D. Sensibilização social**

- 1.Qual a percepção que tem de si enquanto modelo de referência para os clientes? É inculcida uma atitude particular aos elementos do *staff*?
2. Quais considera serem as estratégias mais eficazes para lidar com o problema do consumo, na noite?
3. Possui conhecimento dos programas que, por vezes, são implementados nestes espaços, com o objectivo de redução do consumo e reforço da segurança? O que pensa em relação aos mesmos? Já se envolveu em algum?

### **E. Álcool e lei**

1. Fale-me da relação jovens - álcool...
2. Acha que estes estão plenamente conscientes dos riscos que advêm de um consumo demasiado precoce?
- 3.Quais os desafios/dificuldades que se levantam ao cumprimento da lei?
4. Faz sentido o aumento da idade mínima legal para o consumo de álcool? Com esta acção prevê alterações significativas, no que reporta ao padrão de consumo e fiscalização por parte do *staff*?

### **D. Perspectiva futura**

1. Será possível noite e diversão sem drogas e álcool? Porque?

- Avaliação do processo (o inquiridor explora a percepção do inquirido sobre o resultado da entrevista)

## **Anexo II. Registos de observação**

### **Observação enquanto elemento de *staff* – *barmaid*:**

#### **Estabelecimento A:**

**Música:** latina (essencialmente) / *house* e *pop rock*

**Observação:** Consumo excessivo de álcool (clientes) – o *staff* não interrompeu a comercialização da substância, apesar do estado alterado de alguns sujeitos; consumo de haxixe na copa (*staff*) – reunião geral convocada pela gerência – penalização dos consumidores

#### **Estabelecimento B:**

**Música:** *house* / *pop rock*

**Observação:** Consumo excessivo de álcool (*staff* e clientes)  
Consumo de cocaína (clientes)

### **Observação enquanto cliente:**

#### **Estabelecimento C, D, E e F:**

**Música:** *house* / *pop rock*

**Observação:** Consumo excessivo de álcool (clientes)

#### **Estabelecimento G:**

**Música:** *house* / *pop rock* / *dance music*

**Observação:** Consumo excessivo de álcool (clientes e *staff*)  
Consumo de haxixe (clientes)  
Consumo de cocaína (*staff*)

### Anexo III. Code – books das entrevistas

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria 1</b>	<b>Subcategoria 2</b>	<b>Indicadores</b>
<b>Noite – Droga</b>	<b>Associação noite - drogas</b>	<b>Presente</b>	Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se refira à existência de correlação entre a noite e a droga
		<b>Ausente</b>	Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se refira à inexistência de correlação entre a noite e a droga
	<b>Evolução do consumo</b>	<b>Acréscimo</b>	Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se refira à crescente evolução do consumo recreativo
		<b>Decréscimo</b>	Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se refira à declinante evolução do consumo recreativo
		<b>Estabilização</b>	Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se refira à estagnação do consumo recreativo
	<b>Motivações de consumo</b>	<b>Grupo de pares</b>	Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se refira às motivações do consumo recreativo atinentes ao grupo de pares
		<b>Moda</b>	Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se refira às motivações do consumo recreativo atinentes à moda
		<b>Ambiência social</b>	Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se refira às motivações do consumo recreativo atinentes à ambiência social gerada
		<b>Música</b>	Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se refira às motivações do consumo recreativo atinentes ao estilo musical
		<b>Diversão</b>	Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se refira às motivações do consumo recreativo concernentes à diversão
		<b>Fuga aos problemas</b>	Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se refira às motivações do consumo recreativo associadas à “resolução momentânea” de problemas
		<b>Afirmação</b>	Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se refira às motivações do consumo recreativo tocantes às questões de afirmação pessoal
		<b>Prazer</b>	Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se refira às motivações do consumo recreativo coligidas ao prazer
		<b>Outros</b>	Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se refira às motivações do consumo recreativo que não se mostraram capazes de agregação nas subcategorias acima mencionadas

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria 1</b>	<b>Subcategoria 2</b>	<b>Subcategoria 3</b>	<b>Indicadores</b>	
<b>Drogas recreativas e características dos consumidores</b>	<b>Substâncias prevalentes</b>	<b>Canabinóides</b>		Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se refira aos canabinóides, enquanto substâncias mais prevalentes no contexto recreativo	
		<b>Opiáceos</b>		Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se refira aos opiáceos, enquanto substâncias mais prevalentes no contexto recreativo	
		<b>Cocaína</b>		Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se refira à cocaína, enquanto substância mais prevalente no contexto recreativo	
		<b>Sintéticos</b>		Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se refira à prevalência das substâncias sintéticas no contexto recreativo	
	<b>Faixa etária dos consumidores</b>	<b>«25</b>		Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se refira à faixa etária dos consumidores, situada entre os 0-25	
		<b>25-35</b>		Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se refira à faixa etária dos consumidores, situada entre os 25-35	
		<b>» 35</b>		Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se refira à faixa etária dos consumidores, acima dos 35.	
		<b>Indiferenciado</b>		Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se refira a uma faixa etária inespecífica dos consumidores	
	<b>Características dos consumidores</b>	<b>Psicológicas</b>	<b>Tendência para o conflito</b>		Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se refira às características psicológicas dos consumidores recreativos associadas à conflitualidade
			<b>Sugestionabilidade</b>		Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se refira às características psicológicas dos consumidores recreativos, associadas à facilidade de influência por terceiros
			<b>Tranquilidade</b>		Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se refira às características psicológicas dos consumidores, associadas à tranquilidade
			<b>Deficiências cognitivas</b>		Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se refira às características psicológicas dos consumidores, associadas a deficiências cognitivas
		<b>Físicas</b>	<b>Visual</b>		Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se refira às características físicas dos consumidores, relacionadas com o visual/estilo próprio
			<b>Particularidades fisionómicas/maneirismos</b>		Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se refira às características físicas, associadas a particularidades estéticas e comportamentos fisionómicos manifestos
	<b>Padrão de uso</b>	<b>Circunscrito à noite</b>		Cota-se nesta categoria todas as unidades que se reportem a um padrão de consumo exclusivo, na noite	
		<b>Amplificado</b>		Cota-se nesta categoria todas as unidades que se reportem a um padrão de consumo alargado ao contexto diurno	

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria 1</b>	<b>Subcategoria 2</b>	<b>Indicadores</b>
<b>Experiência Pessoal</b>	<b>Consumo Pessoal</b>	<b>Presente</b>	Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se refira à existência, pontual ou continuada, de consumo de drogas, por parte dos PON
		<b>Ausente</b>	Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se refira à ausência, pontual ou continuada, de consumo de drogas, por parte dos PON
	<b>Ocorrência de consumo na noite</b>	<b>Presente</b>	Cota-se nesta categoria todas as unidades que se referem à ocorrência de consumos pessoais de drogas, por parte dos PON, na noite
		<b>Ausente</b>	Cota-se nesta categoria todas as unidades que se referem à inexistência e consumos pessoais de drogas, por parte dos PON, na noite
	<b>Motivações de consumo</b>	<b>Desinibição</b>	Cota-se nesta categoria qualquer unidade de registo que se refira às motivações pessoais de consumo de drogas, por parte dos PON, associadas à desinibição
		<b>Influência</b>	Cota-se nesta categoria qualquer unidade de registo que se refira às motivações pessoais de consumo de drogas, por parte dos PON, associadas à influência de terceiros
		<b>Curiosidade/Novidade</b>	Cota-se nesta categoria qualquer unidade de registo que se refira às motivações pessoais de consumo de drogas, por parte do staff, associadas à curiosidade e novidade
		<b>Diversão</b>	Cota-se nesta categoria qualquer unidade de registo que se refira às motivações pessoais de consumo de drogas, por parte dos PON, associadas à diversão

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria 1</b>	<b>Subcategoria 2</b>	<b>Subcategoria 3</b>	<b>Subcategoria 4</b>	<b>Indicadores</b>
<b>Sensibilização Social</b>	<b>Controlo do uso de SPA na noite</b>	<b>Possível</b>			Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se refira à percepção dos PON sobre a possibilidade de controlo do uso de SPA na noite
		<b>Impossível</b>	<b>Impraticabilidade</b>		Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se refira à percepção dos PON sobre a impossibilidade de controlo do uso de SPA na noite, associada à impraticabilidade das estratégias
			<b>Parceria do staff</b>		Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se refira à percepção dos PON sobre a impossibilidade de controlo do uso de SPA na noite, por envolvimento deste sector profissional, no mercado de consumo
			<b>Prejuízo dos estabelecimentos</b>		Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se refira à percepção dos PON sobre a impossibilidade de controlo do uso de SPA na noite, associada ao prejuízo dos estabelecimentos
	<b>Conhecimento das intervenções realizadas nos estabelecimentos</b>	<b>Presente</b>			Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se refira à presença de conhecimento dos PON face a intervenções realizadas no âmbito recreativo, respeitantes ao controlo do uso de estupefacientes
		<b>Ausente</b>			Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se refira à ausência de conhecimento dos PON, face a intervenções realizadas no âmbito recreativo, respeitantes ao controlo de estupefacientes
	<b>Envolvimento em intervenções nos estabelecimentos</b>	<b>Presente</b>			Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se reporte ao envolvimento dos PON em intervenções no contexto recreativo
		<b>Ausente</b>			Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se reporte à inexistência de participação dos PON em intervenções no contexto recreativo
	<b>Avaliação do impacto das intervenções</b>	<b>Positivo</b>			Cota-se nesta categoria todas as unidades concernentes à avaliação positiva do impacto das intervenções em contexto recreativo
		<b>Negativo</b>			Cota-se nesta categoria todas as unidades concernentes à avaliação negativa do impacto das intervenções em contexto recreativo
	<b>Estratégias de implementação eficazes</b>	<b>Legalização</b>			Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se refira à legalização, enquanto estratégia de implementação, em contexto recreativo, mais eficaz
		<b>Fiscalização policial</b>			Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se refira à fiscalização policial, enquanto estratégia de implementação, em contexto recreativo, mais eficaz
		<b>Controlo de segurança</b>			Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se refira ao controlo restrito de segurança, enquanto estratégia de implementação, em contexto recreativo, mais eficaz
		<b>Campanhas de prevenção/RRMD</b>			Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se refira às campanhas de prevenção/RRMD, enquanto estratégias de implementação, em contexto recreativo, mais eficazes
		<b>Educação</b>			Cota-se nesta categoria, qualquer unidade que se refira à educação, enquanto estratégia mais eficaz, no que concerne ao controlo do uso de estupefacientes, na noite
	<b>PON</b>	<b>Inculcamento de atitude pela direcção</b>	<b>Presente</b>	<b>Diversão</b>	Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se refira ao inculcamento de uma atitude de diversão aos PON, por parte da direcção do estabelecimento
				<b>Responsabilidade</b>	Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se refira ao inculcamento de uma atitude de responsabilidade aos PON, por parte da direcção do estabelecimento
		<b>Percepção de modelagem</b>	<b>Presente</b>		Cota-se nesta categoria qualquer unidade referente à percepção positiva dos PON, enquanto modelos de referência para o cliente
				<b>Ausente</b>	Cota-se nesta categoria qualquer unidade referente à percepção negativa dos PON, enquanto modelos de referência para o cliente.
		<b>Ausente</b>			

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria 1</b>	<b>Subcategoria 2</b>	<b>Subcategoria 3</b>	<b>Indicadores</b>
<b>Álcool e lei</b>	<b>Relação jovens-álcool</b>	<b>Presente</b>		Cota-se nesta categoria todas as unidades que se reportem à confirmação da existência de relação entre os jovens e o álcool
		<b>Ausente</b>		Cota-se nesta categoria todas as unidades que se reportam à inexistência de relação entre os jovens e o álcool
	<b>Conscientização do risco de consumo</b>	<b>Presente</b>		Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se refira à presença de conscientização do risco de consumo pelos jovens
		<b>Ausente</b>		Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se refira à ausência de conscientização do risco de consumo pelos jovens
	<b>Dificuldades no cumprimento dos trâmites legais</b>	<b>Desejabilidade social</b>		Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se refira às dificuldades no cumprimento da lei do álcool, por parte dos PON, relacionadas com atitudes socialmente esperadas
		<b>Aparência errónea</b>		Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se refira às dificuldades no cumprimento da lei do álcool, por parte dos PON, relacionadas com o aspecto etário dos consumidores
		<b>Inexequibilidade</b>		Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se refira às dificuldades no cumprimento da lei do álcool, por parte dos PON, relacionadas com a ineficiência da lei e postura das autoridades
		<b>Prejuízo dos estabelecimentos</b>		Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se refira às dificuldades dos PON, no cumprimento da lei do álcool, por estas acarretarem prejuízos monetários para os estabelecimentos
	<b>Avaliação do impacto do aumento da idade mínima legal para o álcool</b>	<b>Favorável</b>		Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se refira à avaliação positiva do impacto do aumento da idade mínima legal para o consumo de álcool
		<b>Desfavorável</b>	<b>Ausência de redução do consumo</b>	Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se refira à avaliação negativa do impacto do aumento da idade mínima legal para o consumo de álcool, no que reporta à redução de consumo
			<b>Prejuízo dos estabelecimentos</b>	Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se refira à avaliação negativa do impacto da idade mínima legal para o consumo de álcool, no que reporta à facturação dos estabelecimentos

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria 1</b>	<b>Subcategoria 2</b>	<b>Subcategoria 3</b>	<b>Indicadores</b>
<b>Perspectiva Futura</b>	<b>Isenção do consumo na noite</b>	<b>Álcool</b>	<b>Possível</b>	Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se refira à possibilidade futura de isenção do consumo de álcool na noite
			<b>Impossível</b>	Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se refira à impossibilidade de isenção do consumo de álcool na noite
		<b>SPA ilícitas</b>	<b>Possível</b>	Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se refira à possibilidade de isenção do consumo de SPA ilícitas na noite
			<b>Impossível</b>	Cota-se nesta categoria qualquer unidade que se refira à impossibilidade de isenção do consumo de SPA ilícitas na noite

Anexo IV. Grelhas de Análise de Conteúdo das entrevistas

Categoria	Subcategoria 1	Subcategoria 2	Unidades de Registo	Frequência	
Noite - Droga	Associação noite-drogas	Presente	<p>“Cada vez mais as pessoas não sabem relacionar a noite sem drogas”</p> <p>“ (...) o jovem associa a diversão, a noite...à droga”</p> <p>“Muito sinceramente penso que sim, que existe uma relação entre as drogas e a noite”</p> <p>“ (...) banalizam o consumo, já não concebendo a noite sem o uso de determina substância”</p> <p>“Esta relação existe, sem dúvida”</p> <p>“Na noite os contornos são diferentes...o consumo é muito mais expressivo”</p> <p>“Cada vez essa relação está pior”</p> <p>“A associação noite - drogas é muito frequente, é o “prato do dia”. Esta relação tanto pode ser saudável como perigosa, se não se estabelecerem limites, princípios e regras”.</p> <p>“É uma associação inegável. Muitas vezes as saídas à noite são aproveitadas para se extravasar os comportamentos”.</p> <p>“Na noite, as drogas são muito fáceis de encontrar”</p> <p>“ (...) as drogas são um elemento implícito à diversão”</p> <p>“Penso que o álcool e as drogas são indissociáveis da noite”</p> <p>“ O que é verdade é que em bares ou discotecas, (...) o consumo é por demais evidente. Muitas vezes já sem qualquer problema e sem qualquer tipo de dissimulação”</p> <p>“ (...) é irrefutável...a droga circula na noite! Olhas para o lado...e vês droga, adquires facilmente droga, se quiseres!”</p> <p>“Penso que a noite fomenta o consumo”</p> <p>“ (...) são peças do mesmo puzzle”</p> <p>“ (...) é uma realidade impregnada”</p> <p>“As drogas (...) fazem parte da cultura do consumo noctívago”</p> <p>“A droga entra dentro das casas, é distribuída, é comercializada (...)”</p> <p>“ (...) é um porto, porque as pessoas sabem que não precisam de comprar cá fora, sabem que lá dentro vão encontrar”</p> <p>“A noite era o boom do consumo”</p>	21	
		Ausente		0	
	Evolução do consumo	Acréscimo	<p>“O acréscimo sinto-o nas pessoas mais jovens Cada vez se começa a sair mais cedo, conseqüentemente o consumo ocorre mais cedo”</p> <p>“Penso, sem dúvida, que há um acréscimo do consumo. Aliás, cada vez as pessoas começam a consumir mais cedo (...)”</p> <p>“A cocaína está com elevada projecção...é o máximo!”</p> <p>“Um acréscimo, sem dúvida! Há muita gente que precisa de drogas para se manter na noite (...)”</p> <p>“Se é verdade que existe maior e mais informação, também é verdade que os excessos se verificam cada vez mais e numa idade cada vez mais reduzida (...)”</p> <p>“Hoje, e cada vez mais, a facilidade em encontrar estupefacientes é notória (...) esta facilidade associada aos efeitos secundários do consumo (...) levam a que o consumo seja procurado e aumente”</p> <p>“ (...) há uma clara sensação da evolução do consumo... e da sua procura”.</p> <p>“Verifica-se uma forte ascensão, ou então, há um tempo atrás era muito “tapada” e não percebia o que se passava à minha volta”</p> <p>“Onde acho que há um acréscimo é na tenra idade em que se começa a consumir, é cada vez mais cedo”.</p>	9	
			Decréscimo	<p>“Acho que o consumo de haxixe tem diminuído”.</p> <p>“Ácidos acho que já ninguém consome, tipo LSD e afins”</p>	2
			Estabilização		0
		Motivações de consumo	Grupo de pares	<p>“Penso que serão, basicamente, as companhias, os grupos, tipo - eles fazem, também vou fazer”</p> <p>“Também há a questão do...porque aquele fuma, porque aquele cheira (...)”</p> <p>“Sem dúvida este relacionado com (...) a aceitação e a integração perante os colegas e amigos”.</p> <p>“ (...) Por estar num determinado grupo onde o consumo é frequente e onde já se tornaram parte dos hábitos do grupo”</p> <p>“Talvez sejam influenciáveis pelo líder do grupo...”</p> <p>“Há gente que consome na noite porque o amigo consome”</p> <p>“ (...) Aceitação e integração perante colegas e amigos”</p>	7
	Moda		<p>“ (...) Porque fica bem (...) ”</p> <p>“Não é a música, não é o ambiente, não tem nada a ver com as casas...é a moda! É giro, é uma coisa gira!”</p> <p>“É tudo uma questão de moda, do quê está a “bater” no momento”</p>	3	

	<b>Ambiência Social</b>	<p><i>" (...) com o misticismo da noite"</i></p> <p><i>"É o ambiente social que se cria! As pessoas sabem que vão para um festival e que vão encontrar muita droga...ela circula...é inevitável..."</i></p>	2
	<b>Música</b>	<p><i>"Com a música..."</i></p> <p><i>"A associação do estilo musical à substância não é de hoje...alguém terá descoberto isto antes de mim...não é de agora!"</i></p> <p><i>"As pessoas consomem na noite devido à ambiência musical que se gera. A música entra-te muito mais no ouvido quando consumes...ficas mais atento, acho que até mais desligado dos amigos"</i></p>	3
	<b>Diversão</b>	<p><i>" (...) para se poderem divertir...mais uma vez faço referência à droga - diversão"</i></p> <p><i>" (...) as pessoas tendem a consumir para se divertir (...)"</i></p> <p><i>" (...) há muita gente que precisa de droga para conseguir curtir a noite!"</i></p> <p><i>" Há quem o faça por já fazer parte da sua rotina e prática no divertimento (...)"</i></p> <p><i>" (...) vamo-nos divertir. E a verdade é que realmente nos divertimos"</i></p> <p><i>" (...) elevar do estado de euforia (...)"</i></p> <p><i>"Por pura diversão..."</i></p> <p><i>"Querem divertir-se no momento presente, ao máximo, e não pensar no "depois"...o "depois" que se lixe..."</i></p> <p><i>" (...) querem diversão a todo o custo"</i></p>	9
	<b>Fuga aos problemas</b>	<p><i>" (...) pela paz (...)"</i></p> <p><i>"Para quebrarmos barreiras, precisamos de nos libertar...e aí entra o consumo de estupefacientes vários. Pelo menos nesse instante, somos "felizes".</i></p> <p><i>" (...) sendo a noite aproveitada para os excessos, as drogas fazem cada vez mais parte dos escapes das pessoas"</i></p> <p><i>"Talvez pelos problemas do dia-a-dia..."</i></p> <p><i>" (...) por uma tentativa de fuga aos problemas do quotidiano, sejam eles de que ordem for."</i></p> <p><i>"Há quem precise da droga para ser mais feliz!"</i></p> <p><i>" (...) acho que andamos todos deprimidos, e queremos afastar o tédio! As saídas à noite acabam por ser uma espécie de "catarse" dos problemas da semana (...)"</i></p> <p><i>" (...) mau ambiente familiar"</i></p>	8
	<b>Afirmação</b>	<p><i>" (...) para se afirmarem (...)"</i></p> <p><i>" (...) está relacionado com a afirmação (...)"</i></p>	2
	<b>Prazer</b>	<p><i>" (...) prazer pessoal"</i></p> <p><i>" (...) por puro prazer"</i></p> <p><i>" (...) para intensificar sensações (...)"</i></p>	3
	<b>Outros</b>	<p><i>" (...) não sei se pelo risco (...)"</i></p> <p><i>"Deficiente educação"</i></p> <p><i>" Há muita gente na noite que precisa de droga para conseguir trabalhar (...)"</i></p> <p><i>"Não só as drogas estão mais acessíveis, como a disponibilidade para o seu consumo está mais permeável "</i></p> <p><i>"Pelo próprio estado de espírito (...)"</i></p> <p><i>" (...) sensação de desinibição"</i></p>	6

Categoria	Subcategoria 1	Subcategoria 2	Subcategoria 3	Unidades de Registo	Frequência
Drogas recreativas e características dos consumidores	Substâncias prevalentes	Canabinóides		<p>"As drogas leves mais usuais na noite serão o haxixe, a erva"</p> <p>"Em charros nem vou falar porque isso é prato do dia, poderia ser uma nova marca de tabaco"</p> <p>"O haxixe, a marijuana (...)"</p> <p>"Haxixe (...)"</p> <p>"(...) haxixe"</p> <p>"Sem sombra de dúvida, o haxixe e a cannabis. Estes observam-se facilmente".</p> <p>"Depois o haxixe, claro...mas acho que ocorre mais em bares, espaços arejados...não tanto em discotecas, apesar de também acontecer"</p> <p>"O rock alio ao haxixe"</p> <p>" (...) charro de erva (...)"</p> <p>" (...) hábitos de consumo de haxixe e cannabis"</p>	10
		Opiáceos			0
		Cocaína		<p>"Falar de drogas pesadas na noite é falar sobretudo de cocaína...esta consome-se muito...mesmo muito...na noite! É aquela droga que se consome de forma subtil, e que não provoca os efeitos notórios de um haxixe, por exemplo".</p> <p>"...cocaína"</p> <p>" (...) a cocaína (para quem pode!) ".</p> <p>"Actualmente a cocaína está presente em tudo"</p> <p>"Neste momento é a cocaína"</p> <p>" (...) cada vez mais a cocaína".</p> <p>"Cocaína, cocaína e cocaína! É tudo para alguns!"</p> <p>"Há casas onde trabalho, em que quase todo o staff "puxa branca".</p>	8
		Sintéticos		<p>"as anfetaminas são também muito vulgares, pois estão bastante acessíveis em termos monetários"</p> <p>"Uma grande noite, com um grande disc jockey poderá implicar uso de anfetaminas, ecstasy"</p> <p>"Portanto as mais consumidas são os ácidos (...)"</p> <p>" (...) ecstasy (...)"</p>	4
	Faixa etária dos consumidores	<25		<p>"Talvez dos 15 aos 20 e poucos anos, mas estamos a falar de jovens que consomem mais drogas leves ou drogas mais baratas".</p> <p>" (...) com 14/15 anos (...)"</p> <p>"Entre os 15 e os 20 e tal anos"</p> <p>"Desde os 18 até aos 25 (...)"</p> <p>"São cada vez mais novos...os miúdos de 15/16 anos já consomem haxixe".</p> <p>" (...) cocaína (...) a partir dos 18 este consumo verifica-se"</p> <p>"Faixa etária muito jovem, a partir dos 12/14.Estende-se, depois, por toda a adolescência e início da idade adulta"</p> <p>"Muito novos...a partir dos 16"</p> <p>" A partir dos 16 – 18 vê-se que têm hábitos de consumo de haxixe"</p>	9
		25 – 35		<p>"A cocaína é claramente para uma faixa etária mais velha. Talvez a partir dos 25"</p> <p>" (...) até aos 35"</p>	2
		>35		<p>"A partir dos 35, sensivelmente, drogas mais pesadas".</p>	1
		Indiferenciado		<p>" (...) nem aqui vejo regra, acho que cada vez mais não existem idades específicas para drogas específicas. "</p>	1
	Características dos consumidores	Psicológicas	Tendência para o conflito	<p>"Daquilo que constato posso afirmar que muitas vezes são os grupos que consomem drogas os menos tranquilos, ou seja, aqueles que mais facilmente provocam e arranjam complicações"</p>	1
			Sugestionabilidade	<p>"São pessoas facilmente influenciáveis. Observam os seus ídolos, fazem associações com o que vêem na televisão, imitam...Se eles consomem drogas, copiam!"</p> <p>"Talvez sejam influenciáveis pelo líder do grupo"</p>	2
			Tranquilidade	<p>"São calminhos, estão sempre bem, não se passa nada..."</p>	1
			Deficiências cognitivas	<p>"(...) entorpecimento intelectual"</p> <p>"falta de raciocínio"</p>	2
		Físicas	Visual/Estilo	<p>"Eu associo a cocaína aos chamados betos...lá está o factor económico"</p>	1
Particularidades Fisionómicas/Maneirismos			<p>"Existem imagens de marca, não comportamentos. Sobretudo os olhos...parecem zombies"</p> <p>"Se forem adeptos da branca estão sempre a coçar o nariz ou a puxar em seco"</p> <p>"Entorpecimento físico (...)"</p>	3	

	Padrão de uso	Circunscrito à noite	<p><i>"Eu acho que, provavelmente, durante o dia as pessoas têm uma ocupação e vivem para aquilo...e nestes casos, a droga não será propriamente uma dependência para eles"</i></p> <p><i>"Estes consumidores ditos "da noite" não estão imersos numa toxicodependência, em que a vida é, única e exclusivamente, um consumo. Nenhum "agarrado" sai à noite, por normalidade...os "agarrados" são aqueles que ficam à porta a estacionar os carros, com todo o respeito..."</i></p> <p><i>"os jovens consomem essencialmente na noite".</i></p> <p><i>"Há quem consuma só na noite"</i></p> <p><i>"Há gente que só consome na noite"</i></p> <p><i>"Há indivíduos que só consomem na noite"</i></p> <p><i>"Conheço pessoas que só consomem quando saem à noite(...)"</i></p>	7
		Amplificado	<p><i>"Há os que consomem só na noite, e há os que o fazem também durante o dia. É variável."</i></p> <p><i>"...há outros que também o fazem durante o dia"</i></p> <p><i>"Há pessoas que fazem da droga uma companhia do dia-a-dia"</i></p> <p><i>" (...) os contornos deste consumo, até então limitado à noite, podem tornar-se mais amplos"</i></p> <p><i>"Adquire contornos mais amplos. Basta, ao caminharmos na rua estar um pouco atentos e verificamos que o consumo é uma realidade"</i></p> <p><i>" (...) conheço outras que fumam e cheiram as suas cenas durante o dia (...)"</i></p> <p><i>"Dizer que só se consome na noite é pura especulação. Eu frequentei muitas vezes festivais, e não estamos a falar de um consumo centrado na noite...estamos a falar de um consumo de 24 horas"</i></p>	7

Categoria	Subcategoria 1	Subcategoria 2	Unidades de Registo	Registo
Experiência Pessoal	Consumo Pessoal	Presente	<p>"A única coisa que eu consumi até agora foi haxixe"</p> <p>"Já consumi algumas"</p> <p>" (...) já frequentei a noite com drogas e sim, as drogas são boas..."</p> <p>"Eu já consumi, praticamente, quase tudo"</p> <p>"Já consumi... e gostei"</p> <p>"Já consumi algumas"</p> <p>"Sim"</p> <p>"Sim...já consumi"</p> <p>"Sim...mas não digas à minha mãe!"</p>	9
		Ausente		0
	Ocorrência do consumo na noite	Presente	<p>"Comecei a consumir drogas na noite (...)"</p> <p>"algumas consumi sem saber na bebida, agora nunca deixo o copo em lado nenhum"</p> <p>" (...) já aconteceu consumir na noite e a experiência não foi boa...enfim..."</p> <p>"Consumi numa saída à noite"</p> <p>"Foi na noite e não foi muito agradável!"</p> <p>"Por acaso foi à noite, na Queima das Fitas"</p>	6
		Ausente	<p>" (...) Foi num festival"</p> <p>"Iniciei este consumo no tempo de estudante, no liceu...mas na noite tinha muito mais impacto, fazia muito mais sentido"</p> <p>"Não iniciei o consumo na noite."</p>	3
	Motivações de consumo	Desinibição	"Desinibição (...)"	1
		Influência	<p>" (...) porque a páginas tantas, somos nós que somos diferentes, porque todos consomem...quer isoladamente, quer continuamente, mas todos consomem naquela situação. Não vou dizer que me sentia completamente à parte, mas quase"</p> <p>"O grupo de amigos com quem saí estava a consumir, e eu também o fiz"</p> <p>" (...) influência de terceiros. Se os outros consomem, nós vamos igualmente consumir (...)"</p> <p>"Os meus amigos fumavam, toca a experimentar"</p>	4
		Curiosidade/Novidade	<p>"Quería perceber porque é que toda a gente ficava daquela maneira, depois de consumir. O facto de alguém contar uma anedota, todos se rirem, e eu não perceber onde estava a graça"</p> <p>"Curiosidade"</p> <p>"Talvez curiosidade...não sei"</p> <p>"Curiosidade e partilha de momentos diferentes"</p> <p>"Curiosidade...mera curiosidade"</p>	5
		Diversão	<p>"Associo esta experimentação a um momento recreativo, a um acto isolado...era um festival...estamos lá para nos divertir. Foi uma fase engraçada, só nesta idade é que percebi que existiam 3 a 4 dias de paródia total!"</p> <p>" (...) vamo-nos divertir. E a verdade é que realmente nos divertimos"</p>	2

Categoria	Subcategoria 1	Subcategoria 2	Subcategoria 3	Subcategoria 4	Unidades de Registo	Frequência
Sensibilização Social	Controlo do uso de SPA na noite	Possível			"É possível"	3
		Impossível	Impraticabilidade		"Muito sinceramente... não se pode controlar. Isto tem a ver com mentalidades" "O controlo dentro das próprias casas nocturnas, ou mesmo fora delas, não surte efeito" "Não há nada a fazer. Porque há drogas que uma pessoa pode ter, mesmo com controlo policial"	3
			Parceria dos PON		"Há uma parceria muito grande entre a pessoa que consome/trafica e as pessoas da noite que estão a controlar supostamente essas entradas. Há ali um tacinho (...) para toda a gente" " (...) há um controlo, do género...-se acontecer alguma coisa, liberto-me daquilo em 3 tempos, porque tenho colaboração com as pessoas que estão lá dentro"	2
		Prejuízo dos estabelecimentos		"eu não arrisco a fazer isso agora porque ia passar a imagem de chunga à clientela" "A minha casa não pode ser diferente, as pessoas iriam a priori formular o juízo...ui, que lugar é este? Quero enche-la (...) e esse tipo de iniciativa poderá afastar clientes" "Alguém conhece negócio mais rentável que o mundo da droga? Sobretudo na noite!"	3	
	Conhecimento de intervenções realizadas nos estabelecimentos	Presente			"A nível da televisão sim, tenho conhecimento" "Sim...sim" "Sim...tenho conhecimento" "As regras sobre essa matéria são sabidas" "Sim" (2)	6
		Ausente			"Não necessariamente. Sei que há casas que aderem..."	1
	Envolvimento em intervenções nos estabelecimentos	Presente			"Já trabalhei num sítio, onde deixam flyers nos balcões e mesas"	1
		Ausente			"Nunca me envolvi em nenhum desses programas" " (...) nunca me envolvi...não calhou" "Por acaso nunca me envolvi" " (...) nunca me envolvi em nenhum" "Nunca me meti em nenhum desses programas" "Nunca estive envolvido em nenhum"	6
	Avaliação do impacto das intervenções	Positivo			" (...) intensificar as consequências do uso é sempre louvável"	1
Negativo				"Para mim são fachada, uma autêntica fachada" "Acho que isso não soluciona nada, não atenua o problema sequer" "No fundo não tem impacto" " (...) não resulta" "considero que não têm grande visibilidade" "acho que não têm grande sucesso" "acho que não funciona...aguça a vontade de pisar o risco" "A acção preventiva resolveria alguma coisa se as drogas fossem livres" " (...) o folheto vai alertar a mãezinha (...) com o jovem consumidor não vai resultar"	9	

Estratégias de implementação eficazes	Legalização			<p>“Legalização das drogas...a droga existe e sempre vai existir independentemente de quaisquer leis que se apliquem”</p> <p>“(...) alteração da lei”</p> <p>“(...) uma liberalização das drogas”</p> <p>“Com a legalização, as drogas deixam de ser fruto proibido”</p> <p>“(...) adiantava se as drogas fossem livres”</p>	5
	Fiscalização policial			<p>“maior rigor e controle por parte das autoridades”</p> <p>“maior rigor a nível penal”</p> <p>“(...) mais fiscalização”</p>	3
	Controlo de segurança			<p>“Começaria por uma selecção de porta”</p>	1
	Campanhas de prevenção/RRMD			<p>“Talvez passe por campanhas mais eficazes de sensibilização (...)”</p> <p>“Informação, diálogo, acções preventivas mostrando os riscos inerentes ao consumo”</p> <p>“Campanhas de sensibilização”</p> <p>“tentar os slogans... - a noite pode ser divertida sem drogas”</p> <p>“Acho que os bares e discotecas deveriam fazer uma noite livre de drogas”</p> <p>“Acção preventiva talvez (...) incutir informação a quem não iniciou o ciclo seria uma possibilidade”</p>	6
	Cooperação escola – família			<p>“A cooperação entre a família e a escola é importantíssima”</p>	1
PON	Inculcamento de atitude pela direcção	Presente	Diversão	<p>“A política que é incutida ao staff é a de tentar animar ao máximo os clientes”</p> <p>“(...) só me pedem para sorrir e elevar os bracinhos (...)”</p> <p>“há situações em que temos de nos igualar ao cliente, mostrar até que estamos na mesma onda que ele (...) no sentido de criar alguma empatia”</p>	3
			Responsabilidade	<p>“Sim (...) nomeadamente saberem comportar-se. Queremos que se divirtam, mas com consciência das suas responsabilidades”</p> <p>“Sim (...) porque se o staff andar a partir copos, os clientes também estão à vontade para os partir!”</p> <p>“Os elementos do staff são seleccionados consoante a sua forma de ser e estar na vida (...)”</p> <p>“O consumo entre elementos do staff é expressamente proibido”</p> <p>“(...) partem do princípio que me vou comportar”</p> <p>“(...) saberem comportar-se”</p> <p>“Os empregados têm de encarar este trabalho profissionalmente (...) não são permitidos comportamentos menos próprios”</p> <p>“As pessoas que trabalham aqui sabem que se podem divertir, mas acima de tudo estão a trabalhar, quer dizer...estão a ocupar um determinado posto, têm de ter consciência disso”</p> <p>“Os elementos do staff não tem que mostrar embriaguez nem estados alterados de consciência aos clientes”</p> <p>“Aos clientes temos de dar a melhor imagem. Essa passa muito pela sobriedade”</p> <p>“Quando há observação do consumo por parte dos clientes são convidados a não o fazerem, ou então, em último caso, a abandonarem o espaço”</p>	11

			Ausente		<p><i>"Não de todo, nunca foi! Não temos esse direito"</i></p> <p><i>"Cada um é livre de fazer o que quiser, desde que isso não afecte as funções que lhe competem"</i></p> <p><i>"À partida a gerência (...) confia em nós (...) Não vamos andar aqui a fazer de polícias uns dos outros"&lt;</i></p>	3
		Percepção de Modelagem	Presente		<p><i>"Claro...se estivermos a consumir e fizermos figuras tristes, não será muito favorável para a imagem da casa"</i></p> <p><i>"Acho que os clientes até acham piada, mas também se sentem no direito de o fazer"</i></p> <p><i>"Sim...óbvio que sim"</i></p> <p><i>"Sou um bom modelo (...). Faria de tudo para não passar uma má imagem (...), poderia influenciar os clientes"</i></p> <p><i>"Obviamente que se eu ficar alterado na noite, isso terá repercussões no cliente"</i></p> <p><i>"Sim...sem dúvida"</i></p> <p><i>"Claro que sim, se bem que isso não é uma regra é uma excepção (...) para a excepção poderá ser uma experiência para ulteriores consumos"</i></p>	7
			Ausente		<p><i>"Não sou grande modelo de referência para os clientes"</i></p> <p><i>"Eu não tenho de ser um modelo de referência para ninguém, muito menos para o cliente"</i></p>	2

Categoria	Subcategoria 1	Subcategoria 2	Subcategoria 4	Unidades de Registo	Frequência
Álcool e lei	Relação jovens- álcool	Presente		<p>" (...) cada vez mais cedo se sai para a noite, e portanto, cada vez mais cedo se consome"</p> <p>" Acho que estes consomem cada vez mais novos. E uma coisa que reparo muito é quererem ficar alegres, embriagados, logo no início da noite..."</p> <p>"Essa relação é absoluta. Todos os jovens que entram nesta casa consomem álcool"</p> <p>"Não faz sentido, para estes, sair à noite e não consumir álcool"</p> <p>"Se formos para o campo do álcool...a noite está podre"</p> <p>"Os jovens não sabem dissociar a diversão e o álcool"</p> <p>"É a coligação total! Todos os jovens que saem à noite, ou quase todos, consomem...e acho que isto tende a piorar!"</p> <p>"É um problema sério (...) Parece não haver diversão possível sem o seu consumo"</p> <p>" (...)é visto como absolutamente indispensável o consumo de álcool"</p>	9
		Ausente			0
	Consciençialização do risco de consumo	Presente		<p>"Estão plenamente conscientes. Mesmo assim abusam. Abusam e abusam..."</p> <p>"Acho que estão, a informação não é escassa"</p> <p>"À partida, sim, acho. A informação que existe nas tvs, redes sociais, blogues, internet...é muita"</p> <p>"Acho que sim! Afinal a informação que hoje se passa a respeito desse consumo é muita! Só não esta informado quem não quer! É mesmo assim!"</p>	4
		Ausente		<p>"Não! Não acredito nisso! Nem pensar!"</p> <p>"Não! A informação é suficiente, mas se a passassem nos intervalos dos Morangos com Açúcar, Dragon Ball ou qualquer treta do género, já teria outro impacto"</p> <p>" (...) não há claramente uma consciência dos malefícios do álcool"</p>	3
	Dificuldades no cumprimento dos trâmites legais	Desejabilidade social		<p>" (...) temos é sempre aquele cuidado de saber quem é que estamos a colocar dentro das portas porque a lei o exige, mas não proibimos propriamente a entrada"</p> <p>" Pedir a identificação a alguém soa muito mal".</p> <p>"Pedir a identificação não é muito usual no nosso país"</p> <p>" (...) isto é Portugal, à partida ninguém pede identificação a ninguém"</p>	4
		Aparência errónea		<p>" (...) não sei o que é que os jovens comem em casa, porque aparece uma miúda de 14 anos e olho para ela e é um mulherão de 1,80 m, à qual nunca atribuiria essa idade"</p> <p>"É complicado! Hoje em dia as aparências enganam muito"</p> <p>" (...) hoje em dia as pessoas mais novas não aparentam a idade que têm, e o porteiro permite a entrada"</p>	3
		Inexequibilidade		<p>"Penso que a falta de celeridade, a falta de aplicação e a sua real eficácia, leva e agrava o seu cumprimento"</p> <p>"Aplicá-la na prática não é fácil"</p> <p>"Enquanto o sentimento de impunidade existir, nada se alterará"</p> <p>"A falta de controlo e de sanções para quem não cumpre não existe como deveria existir"</p> <p>" (...) a fiscalização também não é por aí além"</p>	5
		Prejuízo dos estabelecimentos		<p>"Também barrar clientes só traz prejuízo...se calhar também é por isso, não sei!"</p> <p>"A venda ilegal acontece! Porque? Porque as casas têm de sobreviver"</p> <p>"A verdade é que para os estabelecimentos nocturnos interessa ter cada vez mais gente a consumir, afinal é desse negócio que nós vivemos"</p>	3
	Avaliação do impacto do aumento da idade mínima legal para álcool	Favorável		<p>"Se com isto vão ficar mais conscientes? Talvez"</p>	1
		Desfavorável	Ausência de redução do consumo	<p>"não vejo diferenças (...) "não é o facto de proibirem, que vai fazer com que o menor de idade deixe de consumir"</p> <p>"sinceramente acho que ainda vai ser pior"</p> <p>"Acho que não vai mudar. Se não se puder consumir na discoteca, consome-se em casa de um amigo"</p> <p>" (...) não vão deixar de consumir. Se não for numa discoteca ou num bar, será onde calhar"</p> <p>"Não! Se agora que a idade é mais baixa não se cumpre, não se irá cumprir aos 18"</p> <p>"O álcool vai passar para os 18? Muito sinceramente acho que vai ser igual ou pior"</p> <p>"Será só mais uma lei"</p> <p>"Será sempre mais uma regra. E seremos mais uma vez exímios em contorná-la!"</p>	8
			Prejuízo dos estabelecimentos	<p>"Vejo um panorama muito negro para as casas da noite, porque os jovens é que saem, é que gostam de se divertir, e são eles que consomem álcool"</p> <p>" (...) vai ser mau para a noite"</p> <p>"Vai ser muito mau para o negócio"</p> <p>" (...) acabamos por facturar muito pouco dinheiro"</p>	4

Categoria	Subcategoria 1	Subcategoria 2	Subcategoria 3	Unidades de Registo	Frequência
Perspectiva Futura	Isenção do consumo na noite	SPA ilícitas	Possível	<p><i>"Claro que sim! Quer dizer, eu gostava que fosse, e acho que pode acontecer! Sou a prova humana disso! Diverti-me n vezes sem a ajuda de qualquer químico"</i></p> <p><i>" (...) é quase a missão impossível!"</i></p> <p><i>"Se a diversão pode ocorrer sem drogas? sem dúvida que sim..."</i></p> <p><i>" (...) noite sem drogas é possível, mas não será fácil...nada mesmo!"</i></p> <p><i>" (...) sem droga sim"</i></p> <p><i>" (...) sem drogas posso equacionar"</i></p> <p><i>"Acho que sim, embora num futuro muito, muito longínquo! Não está para breve!"</i></p> <p><i>"Claro que é possível, para mim era amanhã"</i></p>	8
			Impossível	<p><i>" (...) penso não ser possível (...)"</i></p> <p><i>"Não...já não haverá noite sem drogas"</i></p> <p><i>"Olhando para o panorama nacional será uma utopia, já é uma realidade impregnada"</i></p>	3
		Álcool	Possível		0
			Impossível	<p><i>" (...) sem álcool não"</i></p> <p><i>" Sem álcool nunca vai ser possível...achas que eles vão beber água?"</i></p> <p><i>" (...) penso não ser possível (...)"</i></p> <p><i>"Sem o álcool seria mesmo completamente impossível"</i></p> <p><i>"Sem o álcool é mais difícil porque tem uma conotação social muito positiva (... )"</i></p> <p><i>"noite sem drogas é possível (retira o álcool!)"</i></p>	6